



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JANDERSON GURGEL RAMALHO ROSAS

REFLEXÕES SOBRE A DINAMIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS
SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

MANAUS - AM
2021

JANDERSON GURGEL RAMALHO ROSAS

**REFLEXÕES SOBRE A DINAMIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS
SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas para
obtenção do Título de Licenciado em Geografia
Orientadora: Dra. Marcela Vieira Pereira
Mafra

**MANAUS – AM
2021**

JANDERSON GURGEL RAMALHO ROSAS

Reflexões Sobre a Dinamização do Ensino de Geografia Nas Séries Finais Do Ensino Fundamental II

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do título de Licenciado em Geografia

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dra. Marcela Vieira Pereira Mafra

1º avaliador: Profa. Dra. Vilma Terezinha de Araújo

2º avaliador: Profa. Dra. Maria Mirtes Cortinhas

Manaus, 26 de Julho de 2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a todos os professores do curso de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior – ENS da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, todos fizeram a diferença nesse processo de formação de Licenciado em Geografia. Agradeço a professora Marcela Mafra pela orientação na presente pesquisa, sua colaboração foi fundamental para encontrar o melhor caminho para realização dessa pesquisa num período difícil de pandemia que estamos passando.

Agradeço aos meus colegas de curso Bianca, Cristiane e Nelson Junior que dividiram comigo os momentos dos estágios supervisionados, foram experiências que ficaram guardadas comigo e farão diferença no campo profissional. Foi no estágio que nasceu a vontade de realizar a presente pesquisa. Agradeço a minha família por todo o apoio durante o período de graduação, com certeza isso facilitou na realização das atividades acadêmicas onde a partir do terceiro período pude me dedicar integralmente ao curso.

“Não se pode falar de educação sem amor”

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa visa introduzir reflexões acerca de metodologias didáticas alternativas para os anos finais do Ensino Fundamental II, num contexto em que os alunos dessa faixa etária estão passando por um turbilhão de mudanças, tanto no ambiente escolar quanto na vida pessoal. A investigação para apontar e ponderar propostas alternativas de metodologias ativas se dará a partir de uma revisão de literatura, onde serão discutidas pesquisas já existentes quanto a temática proposta bem como refletir sobre os benefícios que aulas recreativas trazem para o processo de ensino e aprendizagem. O texto está dividido em quatro partes, primeiro se dá uma introdução sobre o que será exposto no decorrer do trabalho, posteriormente, no segundo capítulo, são evidenciados os métodos para a realização da pesquisa, no terceiro capítulo é apresentado um referencial teórico com autores renomados e pesquisas que abarcam a proposta da pesquisa, por fim, no quarto capítulo, apresenta-se os resultados onde são apontadas as metodologias utilizadas em sala de aula pelos pesquisadores das revistas científicas escolhidas para estudo, a fim de identificar e colaborar com a melhoria do processo de ensino e aprendizagem para esses discentes que logo estarão no ensino médio e precisam de uma boa bagagem para essa fase do ensino que terá um caráter mais coletivo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografia Escolar; Recursos Didáticos.

ABSTRACT

The aim of this research is to introduce reflections about alternative didactical methodologies to the final years of *Ensino Fundamental II* (Brazilian Highschool system). In a context which high school students are passing through a tempestuous period of changes. In order to show and make reflections about the actives didactical methodologies, this research is based on the review of the state of art. The benefits of recreational class for the sake of learning/teaching processes will be discuss through preexisting researches, and reflections about the given theme will be made. The text is divided in four parts, the first one is an introduction about the work's plan. In the second chapter deals with the research's methodology used in this research. In the third chapter the state of art is presented through several researches made by renowned authors, and last, in the fourth chapter the researchers aftermath's in scientifically magazines will be presented, trough the utilized methodologies in classrooms, in order to identify and collaborate to a better teaching/learning process for these students, who will be soon in a new grade, and will need a better background to achieve this new learning grade with a more collective identity.

Keywords: Teaching of Geography; School Geography; Didactic Resources.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa da Revista Brasileira de Educação em Geografia.	12
Figura 02: Capa da Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio.	13
Figura 03: Fluxograma das Etapas da Pesquisa.	14
Figura 04: Gráfico 01 - Quantidade de Trabalhos Por Nível de Ensino.	38
Figura 05: Gráfico 02 - Quantidade de Trabalhos Por Metodologias.	41
Figura 06: Gráfico 03 - Em Que Versam Os Artigos Estudados?	50
Figura 07: Gráfico 04 - Quantidade de Trabalhos Por Metodologias Para o Ensino Fundamental II.	52
Figura 08: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019	54
Figura 09: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019	54
Figura 10: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019	55
Figura 11: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019	55
Figura 12: Gráfico 05 - Quantidade de Pesquisas Por Regiões do Brasil.	56

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	09
2. MATERIAIS E MÉTODOS	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 Didática em Geografia Para Os Anos Finais do Ensino Fundamental II	15
3.2 Relação do Professor Com as Metodologias de Ensino em Geografia	21
3.3 A Importância dos Recursos Didáticos Para as Aulas de Geografia	23
3.4 Ludicidade no Ensino de Geografia	27
3.5 Tecnologias Digitais no Ensino de Geografia	31
3.6 Trabalhos de Campo no Ensino de Geografia	33
3.7 Formação do Docente de Geografia	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
4.1 Estratégias Metodológicas no Processo de Ensino e Aprendizagem Para os Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental	37
4.2 Práticas Pedagógicas e Fatores Chaves que Contribuem Para o Processo de Ensino e Aprendizagem	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
7 APÊNDICES	71

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema ocorreu em virtude de ser consenso entre professores e pesquisadores da educação que métodos tradicionais de ensino apresentam baixa eficiência no que se refere à aprendizagem dos alunos. Em contrapartida métodos inovadores despertam a atenção, a curiosidade e geram maior engajamento dos alunos nas aulas.

Ao abordar a dinamização do ensino nas séries finais do ensino fundamental o intuito é lançar luzes sobre um nível de ensino que por vezes, é deixado um “pouco de lado” em relação aos anos iniciais e ao ensino médio. Segundo Meirelles (2012) quando buscamos informações sobre a educação básica é fácil encontrar muitos estudos sobre os primeiros anos do ensino fundamental dando ênfase na alfabetização e na outra ponta também são comuns pesquisas sobre o ensino médio e quais as perspectivas desses jovens para o futuro. Em contra partida, a autora enfatiza que pouco se fala sobre o seguimento que liga esses dois extremos da educação básica que são os anos finais do ensino fundamental II, pois é uma área que enfrenta muitos desafios na tentativa de encontrar sua própria identidade.

Nesse cenário, os estudos que visam a compreensão dessa fase da educação básica que é tão importante quanto as outras, servirá de base para um processo de ensino e aprendizagem com melhor eficiência para essa fase. Assim sendo, é necessário entender o que se passa na mente desses adolescentes, como eles estão reagindo as mudanças tão repentinas tanto no corpo e forma de pensar, quanto na aplicação das aulas, porque antes eles estavam acostumados a ter somente um professor, e de repente são vários e com tempos de aulas corridos fazendo com que os alunos tenham que se adaptar a essa nova realidade em seu processo de ensino.

A fase do Ensino Fundamental II, possui suas peculiaridades, Meirelles (2012) destaca que os alunos passam por muitos desafios, procuram uma identidade própria, estão deixando de ser crianças e se tornando adolescentes, porém ainda estão muitos distantes de serem adultos. Todas essas mudança e conflitos, próprios dessa fase do desenvolvimento, terão reflexos no âmbito escolar, com alunos desmotivados, com pouca concentração, com muitas conversas paralelas dentre outros aspectos.

Por isso, a pergunta que norteia esta pesquisa é: Por que os alunos dos anos finais do ensino fundamental, geralmente, são mais dispersos e pouco participativos nas aulas, especialmente, as de Geografia?

Para respondê-la, nos utilizamos das palavras de Pinheiro (2012) que afirma que os alunos dessa faixa etária estão passando por um turbilhão de mudanças e sentimentos diferentes.

Essas mudanças impactam diretamente em seus comportamentos dentro e fora da sala de aula. A autora ainda enfoca que eles estão na fase da puberdade, os pelos começam a nascer, a voz muda, a menstruação chega etc. Por conseguinte, muitos deles se sentem extremamente desconfortáveis com a nova realidade, podendo até se sentirem perdidos.

Ainda nessa fase a autora pontua que seus pensamentos e emoções estão a todo vapor e começam a surgir interesse (amizade e namoro) pelos outros (a). Nessa circunstância, cabe ao professor buscar ajudar esses discentes a compreender essa fase que estão passando e buscar por alternativas didáticas que possam ser eficientes na aprendizagem desses alunos que não são crianças, mas também não são adultos. Nesse caso, esses alunos precisam entender seus lugares no mundo onde vivem, e a Geografia é a disciplina que melhor fará com que eles compreendam isso.

É importante salientar, como bem enfatiza Pinheiro (2012) que o professor que dá aula para os anos finais do ensino fundamental é o mesmo que dá aulas para o ensino médio e esse é um grande problema pois são alunos totalmente diferentes e muitas das vezes os professores não se dão conta disso e, acabam utilizando as mesmas metodologias e didáticas para eles. À vista disso, cabe ao professor enxergar essas diferenças entre seus alunos e utilizar didáticas diferentes para cada faixa etária.

Por isso, esta pesquisa se justifica pela necessidade de refletir acerca do ensino-aprendizagem de estudantes que estão em fase transitória, tanto no âmbito da escolaridade quanto das questões biológicas, psíquicas e emocionais e propor maneiras de mitigar o desinteresse dos alunos pelas aulas de Geografia.

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar as múltiplas estratégias de ensino-aprendizagem no âmbito da Geografia para as séries finais do Ensino Fundamental II.

Para atingir este objetivo, é proposto:

Apresentar, com base na bibliografia estudada, práticas pedagógicas que tenham tido sucesso com os alunos dos anos finais do ensino fundamental;

Apontar quais são os fatores chaves que melhor contribuem para um processo de ensino e aprendizagem mais eficaz para os alunos dessa faixa etária;

Esse texto se encontra dividido em quatro seções, além desta introdução e conclusão, tem-se um capítulo dando ênfase aos processos de realização da pesquisa bem como sua metodologia, posteriormente encontra-se o referencial teórico onde são expostas ideias de

autores e pesquisadores renomados quanto ao assunto que abarca a presente pesquisa, em seguida são apontados os resultados da pesquisa onde são enfatizadas as dinamizações em sala de aula que contribuem para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem para os alunos dos anos finais do ensino fundamental II, na disciplina de geografia.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Em decorrência do avanço da pandemia de covid-19 em todo o mundo e sem a possibilidade de fazer trabalhos de campo onde haveria contato com outras pessoas, optou-se como orientação metodológica uma revisão de literatura, a fim de apresentar e analisar estudos já existentes quanto a temática proposta no presente trabalho e com isso enriquecer a pesquisa e debater ideias de autores que contribuem para o avanço do processo de ensino e aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental II com ênfase no ensino de geografia. Nesse contexto:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para Gil (2002), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações acerca de ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema. O autor enfatiza que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço. (GIL, 2002, p. 45)

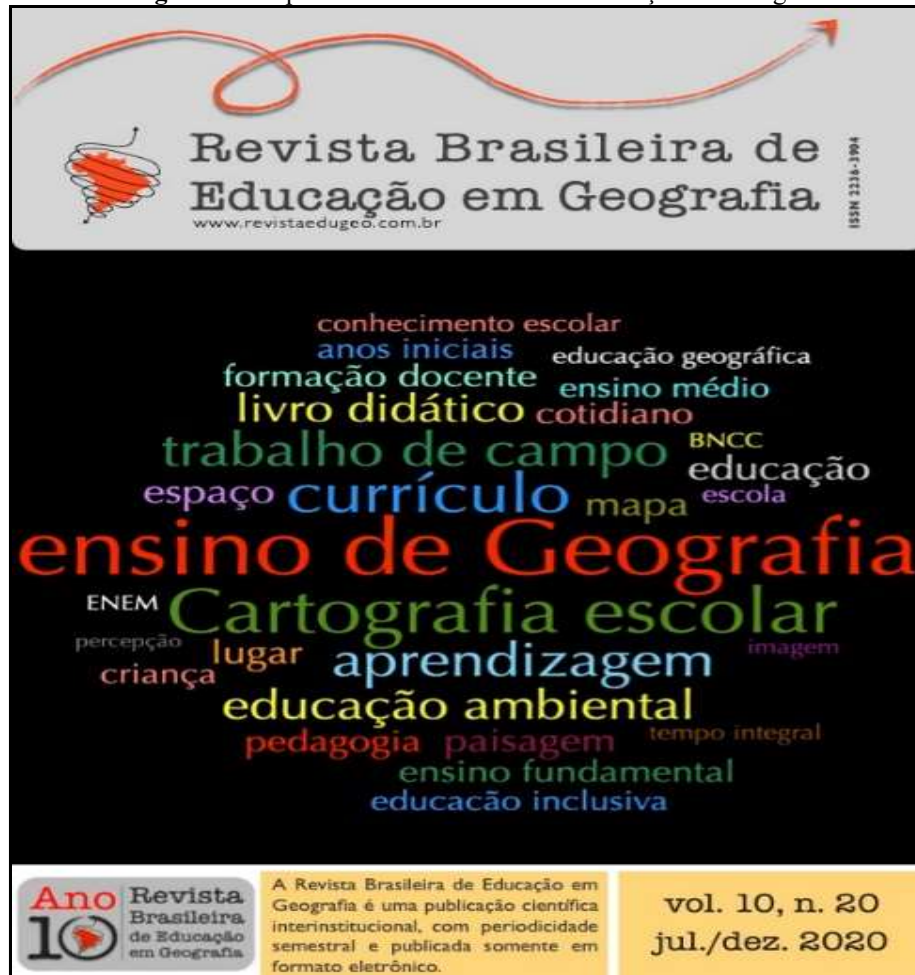
Nessa conjuntura, a pesquisa bibliográfica ajuda o autor a não ter maiores obstáculos para contar com as informações necessárias para enriquecer e embasar uma eventual pesquisa, e no contexto do mundo, na atualidade, torna-se uma solução eficiente.

Assim sendo, optou-se por uma abordagem qualitativa, uma vez que essa permite o diálogo com os significados produzidos pelo coletivo de autores nas suas experiências teórico e práticas como evidencia MINAYO (2009), e pelo objetivo exploratório, já que pretende-se compreender melhor o tema a fim de aprimorar as ideias relativas dele, GIL (2002).

Por ser uma revisão bibliográfica, o presente trabalho é um tipo de investigação que tem como foco central reunir, avaliar e conduzir uma síntese de resultados de múltiplos outros estudos, que tenham bom embasamento literário, sobre o tema proposto no mesmo.

A busca por essa revisão de literatura se deu através da realização de pesquisas virtuais na **revista brasileira de educação em geografia** (Figura 01), que possui Qualis B2, apresentando publicações semestrais com autores renomados da área de educação em geografia e serve de base para muitos educadores aprimorarem suas estratégias metodológicas em sala de aula, pelos mesmos motivos optou-se também em fazer pesquisas na **revista educação geográfica em foco PUC-Rio** (Figura 02). Os artigos das revistas escolhidas são selecionados por avaliadores que estão à frente de pesquisas relacionadas à área de educação em geografia.

Figura 01: Capa da Revista Brasileira de Educação em Geografia



Fonte: Revista Brasileira de Educação em Geografia, 2020

Figura 02: Capa da Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio

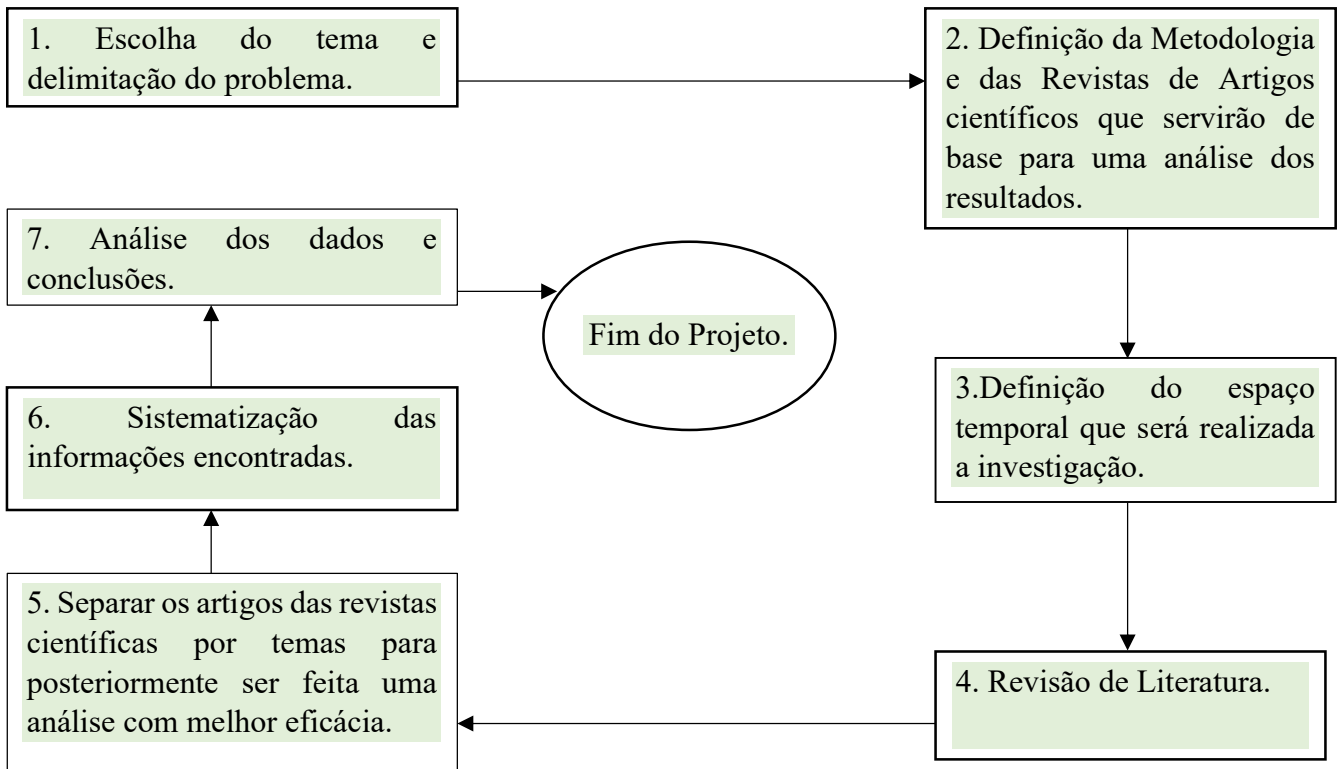


Fonte: TRINDADE, J. 2020

A busca na base de dados das citadas revistas virtuais se deu em um recorte temporal de dois anos, abrangendo artigos de publicações que são realizadas por elas semestralmente, nos anos de **2019 e 2020**. Posteriormente após a leitura de todos os artigos com temas relevantes para a presente pesquisa os materiais foram comparados e separados por temas a partir de leituras e análises críticas de revisão bibliográfica.

Sendo assim, a intenção dessa revisão literária é levar o leitor a refletir sobre uma ampla variedade de conceitos e pesquisas atuais sobre a importância das dinamizações em sala de aula, no ensino de geografia, para os anos finais do ensino fundamental II.

Para melhor compreensão das etapas da presente pesquisa criou-se um fluxograma (Figura 03), com o objetivo didático de fazer o leitor entender o passo a passo do trabalho, desde a escolha do tema e sua delimitação no nicho de estudos até análise dos resultados e conclusões.

Figura 03: Fluxograma das Etapas da Pesquisa

Fonte: ROSAS, J. G. R. 2021

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo da presente pesquisa será feita uma abordagem de um conjunto de elementos e argumentos que especificam problematizações teóricas concernentes ao ensino de geografia para os alunos dos anos finais do ensino fundamental II. Adiante disso, serão construídas reflexões a respeito do processo de ensino e aprendizagem para os discentes dessas faixas etárias, a fim de apontar alternativas para a melhoria e fazer ponderações a respeito da proposta feita no presente trabalho. Em vista disso, a busca para ser feita a realização do levantamento literário ocorrerá por intermédio de livros, artigos científicos, teses e dissertações que abrangem o tema apresentado.

3.1 Didática em Geografia Para Os Anos Finais do Ensino Fundamental II

O ensino de Geografia deve ser pensando e voltado para um contexto didático em que o aluno possa absorver maior conhecimento, e no que tange o exercício da aprendizagem pode ser a alavanca para o sistema que quer inserir no cotidiano da sociedade em sua rotina escolar. De acordo com Santos (2014):

Diante dos problemas presentes na educação, pode-se perceber que hoje a Geografia tem sido caracterizada por um ensino obsoleto, sem atrativos que chamem o aluno para uma interação da sua realidade com os conteúdos propostos pela disciplina. A didática surge na contramão dessa realidade apontando passos metodológicos que possam nortear as atividades docentes, colocando professor e aluno como indivíduos que trocam conhecimentos e aprendem um com o outro. (SANTOS, 2014. p. 6)

Com uma aula dinâmica e de fácil linguagem, o professor consegue que os alunos relacionem seus conhecimentos prévios com os conteúdos abordados em sala, fazendo-o entender conceitos que até então não estavam claros em sua mente. A interação entre o educando e o educador faz com que o ato de ensinar e aprender sejam uma ação crítica e prazerosa, pois se este não souber desenvolver ações didáticas que facilitem sua aprendizagem e desenvolvimento, certamente os resultados não serão os esperados. A didática mostra o caminho com métodos e técnicas que facilitam o aprendizado e com qualidade de ensino, pois mediante o quadro atual, este tem deixado a desejar e, é incapaz de atender a todas as necessidades do seu público.

Santos (2014), ressalta que nos dias atuais o que temos na prática é uma forma de educar

que já não satisfaz os alunos, que eles desmotivados não conseguem reconhecer a importância de frequentar a escola, bem como, os professores que lecionam convivem com a difícil missão de unir os conteúdos com as realidades dos alunos e essa educação enfraquecida contribui para uma escola descontextualizada, incapaz de incorporar as constantes transformações da sociedade.

De fato, essa constante mudança que ocorre no mundo tem seus pontos negativos e positivos, o professor precisa estar sempre atualizado de tudo o que ocorre, seja na política, no clima, nos avanços tecnológicos etc. É preciso buscar sempre contextualizar as aulas de maneira atualizada, pois isso tornará as aulas mais interessantes e dinâmicas, resgatando a vontade dos discentes em aprender mais, aliás vontade essa que está sempre com eles, porém eles precisam ser motivados, é preciso captar a atenção deles, a aula tem que ser mais atraente aos olhos deles que as redes sociais, por exemplo, e isso é um grande desafio para educadores em geral, porém não é impossível, professores devem ser criativos, inovação é uma palavra que sempre deve norteá-los. Para Candau (2011, p. 35):

O grande desafio da Didática atual é assumir que o método didático tem diferentes estruturantes e que o importante é articular esses diferentes estruturantes e não exclusivizar qualquer um deles, tentando considerá-lo como o único estruturante. (CANDAU, 2011. p. 35)

Desse modo, cada elemento que faz parte da prática educativa deve ser observado em um processo agrupado e não como coisas isoladas de uma única realidade. Isso exige que o professor tenha um grande conhecimento das áreas pedagógicas para que possa conseguir articular as diferentes formas de estruturas na construção de um todo. Nesse sentido:

Não são os recursos didáticos que transformam aulas reprodução em aulas de construção. Temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos, se utilizamos pensamentos prontos ou incentivamos nossos alunos a pensar; enfim, essa decisão metodológica é do professor (VIEIRA; SÁ, 2007, p. 103)

Abordar o tema didática em Geografia na educação básica é sempre algo muito desafiador e, que também trás satisfação quando essa é aplicada de maneira eficiente. Ter didática em sala de aula não é fácil, não é algo que se aprende da noite para o dia, é preciso muita dedicação e paciência para aos poucos ir entendendo a melhor forma de passar conhecimento para jovens alunos, e transferir esse conhecimento com uma linguagem que eles entendam, quanto mais leve e transparente for essa forma de passar o conteúdo a ser estudado melhor será o processo de ensino e aprendizagem.

É imprescindível o convívio do professor com o aluno em sala de aula, no momento em que ele pretender desenvolver algum pensamento crítico da realidade por meio da

Geografia. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência. Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma interativa. No ensino, professores e alunos poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais paisagem, território, lugar e região são construídos. (PCN, 1998. p. 30)

Contudo, antes de qualquer outra coisa é preciso fazer um reconhecimento do local onde fica a escola que serão lecionadas as aulas, se é um bairro nobre, se é um bairro periférico, se está numa região mais centralizada ou está mais afastado, se está em uma região rural, para assim começar a entender a realidade daqueles discentes que vivem no determinado lugar e passarão a assistir as aulas que lhes serão lecionadas, pois a contextualização, aulas que envolvem a realidade dos alunos acabam se tornando muito mais atraentes para eles, porque se estará sendo falado de algo que é da vivência dos mesmos e isso deixará sua curiosidade sobre o conteúdo muito mais aguçada.

Segundo Libâneo apud Oliveira (2013), a Didática é uma ponte mediadora entre a teoria e a prática docente. É ela que faz as interligações das bases teóricas e ações práticas, evitando o espontaneísmo e fornecendo aos professores uma práxis educativa sólida. Tal prática não pode ocorrer de maneira improvisada, sem planejamento, metas e instrumentos, baseando-se no puro praticismo. Pois assim poderão aprimorar a sua prática em sala de aula e melhorar a qualidade de seu trabalho.

Nessa conjuntura, Santos (2014), diz que é sempre importante trazer o cotidiano para sala de aula, é uma forma dos alunos perceberem que estão inseridos no espaço geográfico, como agente transformador. Pois, muitas vezes o professor passa o conteúdo de forma que os alunos não conseguem perceber a ligação com o meio, até mesmo se limitando ao livro didático. Destarte, se torna primordial fazer ligações com os conhecimentos que o aluno tem aprendido no dia a dia e o conhecimento científico. Porém, esta lacuna ainda aberta, constitui um desafio para o professor, mas, para que haja ensino e aprendizagem de Geografia esse aspecto se faz cada vez mais fundamental.

É fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos ao longo do terceiro e quarto ciclos e que esse estudo permita compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço. Recomenda-se não trabalhar hierarquicamente do nível local ao mundial: o espaço vivido pode não ser o real imediato, pois são muitos e variados os lugares com os quais os alunos têm contato e, sobretudo, sobre os quais são capazes de pensar. A compreensão de como a realidade local relacionasse com o contexto global é um trabalho a ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais. (PCN,1998. p. 30)

Não adianta o professor querer falar de shopping center para alunos de uma

comunidade rural, eles terão muita dificuldade para relacionar o conteúdo, deve ser falado de coisas que fazem parte da realidade deles, e assim sucessivamente dependendo do lugar em que estará sendo lecionada a aula. Além dessa contextualização deve haver participação dos alunos nas aulas e não somente o professor falar do conteúdo. Segundo Oliveira (1998, p.140):

Este caminho dialético pressupõe que o professor se envolva não só com os alunos, mas sobretudo com os conteúdos a serem ensinados. Ou seja, o professor deve deixar de dar os conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber. (OLIVEIRA, 1998. p. 140)

Santos (2014) evidencia que, sendo assim, o professor desenvolve o seu papel de construtor de saberes e deixa a posição de apenas um reprodutor de ideias, enquanto os alunos compreendem a sua realidade, desenvolvem suas habilidades e constroem os seus saberes a partir das relações do próprio cotidiano. Não existe um manual que permita aos educadores desenvolver aulas incomparáveis, existe uma construção que dia-a-dia vai ganhando forma em resposta ao que se ensina e ao que se aprende.

Libâneo apud Oliveira (2013) enfatizam que o professor deve ter clareza dos objetivos da disciplina, dos conteúdos, dos métodos e das formas de organização do ensino. Alguns professores desenvolvem saberes específicos que, amparados nas teorias de ensino, tornam suas aulas mais atraentes e compreensíveis para os educandos. Esses saberes estão relacionados ao desenvolvimento das Didáticas específicas ou especiais (Oliveira, 2020).

Educar vai muito mais além de que seguir regras e formas determinadas de ensinar, cada professor deve ter sua própria maneira de trabalhar em sala de aula, o ensino pode ser visto como uma casa em construção que a cada dia um tijolo vai sendo colocado, um revestimento, uma ligação elétrica e cada uma dessas coisas estão ligadas as outras na sua construção. Assim deve ser visto o processo de ensino e aprendizagem.

Outro grande segredo para uma boa aula, sem sombra de dúvidas, está em amar aquilo que se faz, e isso é muito motivador e acaba contagiando a todos. Se um professor transmite felicidade para seus alunos as aulas vão fluir de forma muito mais leve e interessante, os alunos vão ter vontade de ver essa aula, vão ter curiosidade para aprender mais, vão ficar ansiosos pela próxima aula. Sabe-se que na teoria é tudo muito bonito de ser falado e que na prática tem-se muitos problemas como falta de material, falta de conforto, alunos desinteressados, problemas pessoais, porém temos que tentar relevar as adversidades do ambiente escolar ao máximo possível, para fazer um trabalho mais eficiente e transformador na vida daqueles que são o futuro da sociedade. Nesse contexto:

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; Como e por que suas ações individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza têm consequência tanto quanto para a sociedade. Permite conhecer e compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridas, tanto em nível local como mundial (BRASIL, 2001. s/p).

Compreender melhor o mundo em que vivemos é de fundamental importância para qualquer ser humano que nele habita, independente da região onde viva, ou de suas crenças e culturas. É preciso compreender o todo, e respeitar as diferenças que existem nele, tendo esse pensamento formado em nossos alunos, evidentemente o objetivo da disciplina terá sido alcançado com sucesso. Mas para esse objetivo seja alcançado é preciso muita dedicação e planejamento do professor e, também dos alunos.

Apesar de toda modernidade da atualidade muitos professores ainda se prendem a utilizar quadro, giz e voz, não que seja errado, porém os discentes vivem essa atualidade e querem coisas diferentes em sala de aula, é preciso inovar e sair um pouco do modelo tradicional de ministrar aulas. Eles querem aulas mais dinâmicas, querem jogos, vídeos, trabalhos de campo, aprender de uma forma mais prazerosa.

O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informação, a aprendizagem entendida como acumulação de conhecimentos não subsiste mais. É preciso que o professor medie a relação ativa do aluno com a matéria, levando em conta as experiências e os significados que os alunos trazem para sala de aula, o potencial cognitivo, capacidades, interesses, modo de pensar e de trabalhar. (LIBÂNEO, 2008. p. 30).

Jovens e adolescentes possuem uma curiosidade natural e vontade de aprender, mas eles perdem esse interesse se a forma com que as aulas são ministradas se tornam enfadonhas e rotineiras.

O ensino geográfico tradicional mantém seu valor cultural informativo, mas nós professores, podemos encaminhar estratégias metodológicas tendentes a que se afirme seu valor significativo nos processos de aprendizagem. Nessa busca, os métodos e as técnicas aplicadas em aulas de geografia são permanentemente revisados a fim de convertê-los em elementos facilitadores da aprendizagem. (SOMMA, 2003 p. 164).

O docente necessita fazer uma análise dos métodos que tem utilizado em sala de aula e se eles estão dando certo, é preciso mudar, inovar, ser criativo, buscar instrumentos e recursos didáticos que tornem essas aulas mais ricas em conteúdo, motivando os alunos e melhorando a qualidade do ensino.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica, no texto que se refere aos sujeitos da educação básica, menciona a importância de incentivar a prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando as concepções de ensino e aprendizagem. Ela propõe trabalhar os conteúdos de forma crítica, dinâmica e contextualizada, com questões que

estimulem o senso crítico dos alunos, passando assim a participar da construção de seu próprio conhecimento. Sendo assim:

[...] é importante ressaltar que os métodos de ensino não são um fim, mas um meio pelo qual o professor logra alcançar os objetivos estabelecidos. O método, entretanto, por mais eficiente que possa parecer, não é mais importante do que o estudante. É importante que ele seja empregado levando em consideração os paradigmas socioculturais e educacionais, os objetivos de ensino, a natureza do conteúdo, o nível do aluno, a natureza da aprendizagem. No uso dos métodos de ensino é indispensável que o professor conheça satisfatoriamente os conceitos teóricos que sustentam a metodologia empregada. (BENTH, 2010. p. 31).

O professor deve estar inteirado de que o aluno é o foco principal no processo de ensino-aprendizagem, deve tentar conhecê-lo o máximo possível para então compreendê-lo e adaptar seus métodos de ensinar, suprindo as necessidades do aluno. Os discentes sempre serão diferentes um do outro, terá aquele que tem mais facilidade em absorver os conteúdos, os com mais dificuldades, os interessados, os desinteressados e, é preciso entender cada um deles e fazer formas de avaliações diferenciadas para que todos possam se sair bem na disciplina, na medida do possível, e se sentirem motivados, é importante sempre botá-los para cima e nunca o contrário.

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, nos anos finais do ensino fundamental II, espera-se que o aluno amplie as suas noções espaciais que desenvolveu nos anos iniciais, por isso o professor tem que trabalhar os conhecimentos necessários para entendimento das inter-relações entre as dimensões econômicas, culturais, demográficas, políticas e socioambientais, que são presentes no espaço geográfico.

[...] nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a ênfase do trabalho docente é alfabetização, dedicar a ensinar o aluno a ler, escrever e dominar as quatro operações e na ausência de uma orientação clara e segura do que é ensinar estudos sociais, o professor se preserva, trabalhando nada ou muito pouco dessa área de conhecimento, ou arrisca ensinando, o que é adequado (CALLAI E CALLAI, 2003 p.65).

Ao receber uma turma que está iniciando as séries finais do ensino fundamental o professor deve fazer uma breve investigação sobre o que eles já sabem e dominam da disciplina para então começar a construir com eles esse domínio da Geografia priorizando sempre a participação dos alunos, deixar eles exporem o que pensam e conhecem sobre os conteúdos abordados, tudo isso é muito importante para o processo de aprendizagem deles.

[...] ensinar Geografia hoje é auxiliar o aluno a compreender o mundo em que vivemos: focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, oportunizando aos alunos a interpretação de textos, fotos, mapas e paisagens. Entende-se que é por esse caminho que a geografia escolar vai sobrevivendo e, até mesmo, ganhando novos espaços nos melhores sistemas educacionais. Para isso, o professor necessita criar, ousar, aprender ensinando. (SANTOS E MORO, 2007. p.132).

Sendo assim, o educador necessita ter senso crítico e ser um bom entendedor do mundo em que vivemos, se ele não for o primeiro a pensar de maneira mais aberta como irá passar isso para os alunos? O profissional da educação básica deve levar em consideração que as pessoas são diferentes, pensam e agem de forma diferente, têm culturas, gostos e hábitos diferentes, e o profissional da educação tem que estar preparado para lidar com essas situações, aprender a respeitar o tempo de cada aluno, tentar entender e compreender o que se passa em sua mente, na sua casa, em sua família.

É de fundamental importância que os educadores saibam desenvolver bem e com qualidade seu papel na sociedade, que essa profissão apesar de não ser valorizada é de extrema importância e que vai fazer toda a diferença na vida de cada discente, se o educador não souber desenvolver seu papel tudo já está errado, pois ele é a base, e sem base não se constrói uma educação de qualidade.

Este caminho dialético pressupõe que o professor se envolva não só com os alunos, mas sobretudo com os conteúdos a serem ensinados. Ou seja, o professor deve deixar de dar os conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber. (OLIVEIRA, 1998. p. 140)

Santos (2014) enfatiza que sendo assim, o professor desenvolve o seu papel de construtor de saberes e deixa a posição de apenas um reprodutor de ideias, enquanto os alunos compreendem a sua realidade, desenvolvem suas habilidades e constroem os seus saberes a partir das relações do próprio cotidiano. Não existe um manual que permita aos educadores desenvolver aulas incomparáveis, existe uma construção que dia-a-dia vai ganhando forma em resposta ao que se ensina e ao que se aprende.

3.2 Relação do Professor Com as Metodologias de Ensino em Geografia

A geografia é uma ciência humana que estuda o meio em que o homem vive e sua relação com ele. Como disciplina escolar a geografia procura estabelecer uma compreensão das relações que se estabelecem entre ser humano e natureza, assim sendo, cabe ao professor estar preparado para transmitir esses pensamentos aos seus alunos bem como fazê-los compreender a importância que a disciplina tem para torná-los sujeitos engajados e conscientes quanto ao seu papel no meio onde vivem, nesse sentido utilizar metodologias de ensino que busquem facilitar esse processo é imprescindível. O PCN's evidencia as abordagens que precisam ser feitas na ciência geográfica em sala de aula:

Na busca dessa abordagem relacional, a Geografia tem que trabalhar com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição. (PCN's, p. 25).

Nesse sentido, a geografia tem por objetivo estudar a sociedade bem como suas organizações espaciais que ocorrem cada vez mais e de forma mais intensa com a evolução das tecnologias, e que nessa área de investigação oferece como possibilidade concreta a compreensão sobre a realidade vivida pelos discentes ao se trabalhar temas como paisagem, território, lugar, região, favorecendo o discernimento do que vem a ser o espaço geográfico.

Para alcançar esses objetivos que a disciplina necessita é preciso buscar alternativas metodológicas para facilitar o processo de compreensão do mundo em que se vive, nessa conjuntura as práticas pedagógicas devem estar voltadas para os discentes, eles devem se tornar protagonistas no processo de ensino e aprendizagem para assim terem um melhor desenvolvimento intelectual bem como um crescimento como cidadão apto para a vida em sociedade. E “na prática cotidiana, no espaço de sua sala de aula o professor pode favorecer a aprendizagem escolar desenvolvendo ações de modo a ensinar seus alunos a pensar e a aprender”. (FILIZOLA, 2009, p. 35).

A sala de aula não deve ser vista apenas como um lugar de transmissão de conhecimento para alguém que está num processo de formação, antes de tudo deve ser um lugar humanizado, onde a troca de experiências deve ser exaltada. Deve ser um lugar de construção de valores, fazendo com que os alunos se sintam parte da escola e da sala de aula e não apenas um receptor de informações que muitas vezes não fazem sentido para eles. Nesse contexto o PCN's faz uma ressalva:

Adquirir conhecimentos básicos de Geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções de cidadania: cada cidadão ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como as de outros lugares, pode comparar, explicar, compreender e especializar as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico. (PCN's, 1998, p. 39).

O professor deve procurar atividades em sala de aula com temas e contextualizações que seja relevantes para os discentes, e para a melhoria desse processo deve-se ter recursos adequados e que sirvam como fonte de mediação para desenvolver um pensamento geográfico nos discentes, para isso as práticas pedagógicas devem envolver os educandos e permitir que eles cheguem as suas próprias conclusões quanto aos assuntos abordados, claro que com correções necessárias por parte do professor, sempre dando margem para eles sentirem-se

parte do processo de ensino formulando suas próprias linhas de pensamento. Assim sendo, Oliveira (2009) compartilha as ideias de Straforini:

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno a compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento. STRAFORINI (2004 apud OLIVEIRA, p. 51).

Conforme vai adquirindo experiência em sala de aula, o professor deve buscar entender o mundo dos seus alunos, quais são seus gostos, como gostam de aprender, essa relação com os discentes é importante para abrir caminhos para melhoria da aprendizagem deles, pois quando eles não gostam do professor ou da disciplina a mente deles se fecha e aprender o conteúdo abordado torna-se um desafio.

Sendo assim, o uso de metodologias mais atrativas como recursos tecnológicos, jogos didáticos, entre outros, são instrumentos inovadores que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, retendo a atenção dos alunos que muitas vezes estão dispersos em sala de aula, principalmente os que estão nos anos finais do ensino fundamental II, que são foco da presente pesquisa. Cavalcanti (2010) evidencia a importância da geografia escolar:

A consideração da geografia escolar como uma maneira específica de raciocinar e interpretar a realidade e as relações espaciais, mais do que uma disciplina que apresentam dados e informações sobre lugares para que sejam memorizados, aproxima a disciplina dos princípios construtivistas. Ou seja, pausar o desenvolvimento de determinadas capacidades, a serem desenvolvidas por meio de trabalho com conteúdos, requer a escolha de caminhos adequados para levar a cabo o próprio ensino. (CAVALCANTI, 2010, p. 35).

Nessas circunstâncias, ao desenvolver seus planos de aula o docente deve estar atento ao tipo de alunos que serão alvo das aulas posteriores, pois a cada geração de alunos coisas novas vão surgindo, novas técnicas, novos recursos, novas tecnologias, estar atento a essas mudanças que fará com que o professor tenha e mantenha seus objetivos em sala de aula atingidos.

3.3 A Importância dos Recursos Didáticos Para as Aulas de Geografia

Para se ter uma melhor abordagem do ensino de geografia em sala de aula é preciso adotar recursos didáticos que favoreçam a compreensão dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, para isso a criatividade pode ser uma grande aliada a fim de despertar o

interesse dos discentes para as temáticas abordadas dentro e fora da sala de aula na disciplina de geografia. “Os materiais didáticos são muito importantes e servem como meios para auxiliar a docência, buscando mais significância e positividade”. (BASTOS, 2011 p. 45).

Sobre o processo de ensino SANT’ANNA e MENZOLLA (2002), salientam que:

O ensino fundamenta-se na estimulação que é fornecida por recursos didáticos que facilitam a aprendizagem. Esses meios despertam o interesse e provoca a discussão e debates, desencadeando perguntas e gerando ideias. (SANT’ANNA; MENZOLLA 2002, p. 35).

O ensino de geografia proporciona aos educandos um processo de descoberta do mundo onde estão inseridos e o educador deve ajudá-los a fazer reflexões bem como críticas ao meio em que vivem, deve ensiná-los a respeitar a natureza e as pessoas em volta dela, assim será construído um bom conhecimento geográfico e, aos poucos, conforme forem subindo de series compreenderão o importante papel da disciplina de geografia na sua formação. Para isso é necessário sempre contextualizar os conteúdos estudados.

Santos e Leite (2014), dizem que contextualizar é trabalhar o conteúdo de uma forma mais fácil, para que isso ocorra o professor deve ter domínio sobre o que vai ensinar, tanto no conhecimento teórico quanto na metodologia empregada. A escola, enquanto ambiente de conhecimento, deve proporcionar ao professor condições materiais necessárias para o desenvolvimento de suas ações e práticas em sala de aula e fora dela, contribuindo assim com o sucesso do processo de ensino e aprendizagem e trabalhar com a realidade do aluno, ou seja, com o cotidiano é mais interessante, pois eles estão aprendendo assuntos sem fugir da realidade deles. A geografia, que está presente em todos os lugares, proporciona ao professor inúmeras atividades que trabalhem com o conteúdo segundo a realidade do aluno. Explorar o ambiente escolar, mapear o bairro da escola e medição de praças entram como possibilidades de se trabalhar com cotidiano do aluno, não necessitando de recursos financeiros, especialmente onde não são disponibilizados, fato bastante comum em escolas públicas. Essas atividades sempre dão mais motivação para os alunos aprenderem.

Nos contextos de aprendizagem e motivações, Stipek (1998) e Printrich (2003), apontam que a motivação pode ser inferida por meio de comportamentos observáveis dos alunos, os quais incluem ao iniciar rapidamente uma tarefa e empenhar-se nela com esforço e persistência. Segundo Nieto (1985), a maioria dos psicólogos define motivação como um processo que tenta explicar fatores de ativação, direção e manutenção da conduta, face a um objetivo desejado. Em vista disso, Selbach (2010), fala que os alunos são naturalmente curiosos, têm muita vontade de aprender e cabe ao professor ser um “caçador dessas curiosidades” devendo-se usar a

motivação para conseguir alcançar esses objetivos, fazendo com que os alunos tenham curiosidade em torno dos conteúdos abordados.

Segundo Cavalcanti (2010), “O modo de trabalhar os conteúdos geográficos no ensino supera seu histórico papel de dar conta da apresentação de dados e da descrição de países, regiões e lugares mencionados.” O conteúdo de ensino em sala exige do educador uma opção metodológica que favoreça a aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, as reflexões acerca da renovação de técnicas metodológicas na escola para o ensino de geografia deve se fazer presente na carreira dos profissionais da educação, contudo a realidade das escolas, muitas vezes, não deixa que essas inovações aconteçam, a baixa infraestrutura de muitos lugares bem como falta de incentivos para a educação pública faz com que não ocorra um processo de ensino com atividades diferenciadas. Nesse contexto, é interessante dar ênfase aos recursos didáticos que não necessitam de muitos gastos para sua aplicação, e a geografia possibilita que essas atividades sejam realizadas pois estuda o meio onde vivemos, logo é possível contextualizar os assuntos abordados, como noção de localização, onde os discentes aprenderão a localizar para onde está o norte, sul, leste, oeste, assim como podem aprender sobre os movimentos da terra e seus impactos no clima bem como a compreensão dos fenômenos geográficos e suas distribuições ao redor do planeta.

Estes pressupostos lembram Silva (2001), quando afirma que: O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. E continua. Nesse enquadramento, vale ressaltar que é preciso estar atento para a urgência do tempo e reconhecer que as expansões das vias do conhecimento não obedecem mais a lógica presente. Assim sendo, é fundamental pensar a educação como um encadeamento, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem, contudo, submetê-la ao autoritarismo descontinuado.

Nesse caso, Sousa (2011) fala que por conta disso, diante da complexidade da cultura juvenil, é necessário aos ambientes educacionais instaurar espaços de negociação entre educadores e educandos, possibilitando uma troca de posições e visões de mundo que permitam uma aproximação entre estas duas culturas num mundo de aprendizagem e cultura digital.

Esta riqueza de formas de pensar e ver o mundo permite reforçar através de Silva (2003) que o professor que busca interatividade com seus alunos propõe o conhecimento, não o transmite. Em sala de aula é mais que instrutor, treinador, parceiro, conselheiro, guia,

facilitador, colaborador. É um formulador de problemas, provocador de situações, arquiteto de percursos.

É nessa perspectiva, que deve-se pensar a educação, Souza (2011) ressalta que ela que tem que ser de qualidade e inclusiva, a que deve preparar o indivíduo para interagir com o meio com maturidade, autonomia e criticidade, ou seja, aquela que prepare o indivíduo para compreender e intervir em prol de uma sociedade mais humana, sem se deixar excluir, ou mesmo, se deixar levar pela enxurrada de informações que as mídias produzem. Nesse âmbito, Castrogiovanni (1999) afirma que é fundamental da parte do professor uma atitude de questionamento, de provocação, de abertura à inquietude, curiosidade, deslumbramento do aluno, dos muitos mundos que os alunos representam.

A troca de ideias deve estar presente do cotidiano escolar, incentivar os discentes a interagir e abordarem suas perspectivas bem como debaterem sobre elas é importante para a produção de conhecimento. Segundo Freire (1996) “Não há docência sem discência, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Para o autor, a capacidade do professor aprender com o aluno faz parte de uma relação democrática e, por isso mesmo, pedagógica.

3.4 Ludicidade no Ensino de Geografia

Paula (2020) demonstra que a escola brasileira ainda se apresenta, não raramente, como um espaço pouco atrativo para boa parte dos discentes, os quais, por vezes, veem-na enquanto certa obrigação imposta pelos pais e/ou responsáveis ou como lócus para o bullying, incompreensão e pressão psicológica. Contudo, sabe-se que apesar da complexidade que envolve tal questão, o desinteresse muitas vezes, também está atrelado a um processo de ensino e aprendizagem que se mantém engessado, visto que esse segue reproduzindo práticas de ensino maçantes comuns ao início do século passado, as quais não acompanharam as intensas mudanças que ocorrerem no tempo e no espaço.

Atividades que fujam do cotidiano serão sempre bem vindas pelos discentes, pelo fato de estarem numa faixa etária em que o diferente chama a atenção dos mesmos, assim o uso da ludicidade no ensino de geografia faz-se necessário pois abre caminhos para uma aprendizagem mais considerável num contexto de mundo cada vez mais unificado e globalizado, onde as

informações e novidades chegam ao alunado a todo momento. Uma forma recreativa de aplicar uma temática em sala de aula são os jogos.

Assim sendo, Flemming (2004), reforça que os jogos aplicados em sala de aula, quando são bem orientados e oportunos, são recursos de extrema eficiência para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, pois há jogos que são verdadeiros exercícios de fixação. Existem também jogos que auxiliam o professor na introdução de um novo conteúdo o que acaba servindo de motivação para a compreensão do devido assunto abordado.

Os jogos tornam o ambiente escolar mais divertido sem perder o foco principal que é a aprendizagem, os alunos participam, se divertem e o melhor, aprendem o conteúdo apresentado para eles. Lara (2004) afirma que os jogos vêm ganhando espaço dentro das escolas, numa tentativa de trazer o lúdico para dentro da sala de aula. Acrescenta que a pretensão da maioria dos professores com a sua utilização é a de tornar as aulas mais agradáveis com o intuito de fazer com que a aprendizagem torne-se algo mais fascinante, além disso, as atividades lúdicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio, levando o aluno a enfrentar situações conflituosas relacionadas com o seu cotidiano.

Grubel e Bez (2006), observam que os jogos educativos além de serem divertidos dando destaque ao lúdico, quando usados pedagogicamente, auxiliam os educandos na criação e familiarização de conhecimentos, possibilitam interação entre os jogadores e/ou trabalho em equipe.

Nesse contexto, vale ressaltar que o uso de jogos é sim muito importante, porém não devem jamais torna-se rotineiros senão perdem a graça, é melhor deixar os alunos com um gostinho de quero mais que ouvir deles, de novo esse jogo professor? é preciso usar as ferramentas de ensino de forma moderada para não tornar o que deveria ser diferente o mais do mesmo.

Outra forma jocosa de metodologia são as utilizações de mapas mentais como atividades de fixação. Para Castellar (2006), os mapas mentais possibilitam aos alunos representarem o espaço Geográfico nas mais diversas escalas temporais e espaciais, de acordo com suas necessidades e interesses, permitindo uma melhor percepção nas representações dos fenômenos da Geografia.

Nessa situação, vale ressaltar que além de ajudarem na aprendizagem, os mapas mentais também aguçam a curiosidade dos alunos pois os mesmos são forçados a pensar em que coisas deveriam colocar em seus mapas e se isso vai fazer sentido, se tem haver com tema que está

sendo trabalhado, e isso torna sua percepção sobre a disciplina estuda mais superna. Assim como também, a utilização de vídeos didáticos é importante nesse processo.

O cinema, portanto, poderia ter um papel central no processo educativo, particularmente, no ensino de Geografia, por seu caráter universal, constituindo o que Morin (2014, p.233) nomeia como “Um esperanto natural”, capaz de ser compreendido por pessoa, de qualquer idade, em qualquer lugar do planeta. Sendo assim, dentro de um contexto multicultural e, ao mesmo tempo, particular, como em uma escola de alunos surdos, o cinema poderia vir a representar mais que uma possibilidade, uma realidade necessária ao complexo processo ensino-aprendizagem, pois, o cinema, parte de um campo, por vezes real, por outras, abstrato, que povoa o imaginário coletivo, talvez seja capaz de atrair e colocar no centro deste processo tão complexo, como o é do ensino-aprendizagem, o aluno (PEREIRA, 2019. p. 5)

O uso de vídeos como atividade lúdica também pode ser uma alternativa interessante para o processo de ensino-aprendizagem. Moran (1995) afirma que as potencialidades do vídeo fazem crer que este utensílio também tem uma “interatividade funcional”: O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços.

As ações desenvolvidas pelos educadores de Geografia têm como objetivo principal incentivar e despertar o interesse dos educandos por questões diretamente relacionadas à disciplina, mas também num contexto interdisciplinar e, nesse sentido, o lúdico vem agregar valor nessas ações considerando para isso a necessidade de compreender como, num espaço dinâmico, as atividades diferenciadas podem estimular a criatividade em sala de aula, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem. (PEREIRA E FONSECA, 2020. p. 318-336)

Pereira e Fonseca (2020) ainda argumentam que nessa compreensão, a ludicidade é entendida como promotora de um aprendizado significativo que funcionaliza a socialização, a interação, a inclusão, fortalecendo cada vez mais a relação social de maneira participativa e diferenciada, de modo que o cotidiano escolar seja redescoberto numa dimensão criativa, divertida e interativa, em que o conhecimento é adquirido espontaneamente e não imposto como regra ou obrigação.

Concorda-se com os autores quando eles reforçam que nos dias atuais, com todo arcabouço tecnológico disponível e ao alcance do educando, torna-se ainda mais difícil promover um processo de ensino que não se configure como enfadonho, desestimulante. É nessa perspectiva, que o lúdico pode contribuir para o entendimento e aperfeiçoamento da importância do ensino de Geografia no ambiente escolar, de forma a se buscar as atividades que

possibilitem outra forma de aprendizagem mais atraente e divertida. Sendo assim considera-se que:

Na Geografia, os docentes podem se utilizar dos jogos que explorem as inteligências pessoais e a naturalista (ambiental). Fazer com que conheçam o espaço geográfico e construam conexões que permitam aos alunos perceber a ação do homem em sua transformação e em sua organização no espaço físico e social (ANTUNES, 2006, p. 44).

Nesse caso, reitera-se a importância das atividades recreativas na escola e que essas devem se tornar elementos fundamentais no processo de aquisição de conhecimentos. Sendo assim, a música pode somar e fazer o diferencial em todo esse processo no campo do conhecimento geográfico, Crozat (2016) aponta que a música pode criar uma identidade territorial, fazendo parte da transformação do espaço em território. Sendo assim, a música no ensino da Geografia não traz apenas um retrato temporal de um conjunto particular, mas também relações socioespaciais, por meio da expressão de diferentes formas, percepções, estilos e culturas. Logo, como recurso didático, a música pode propiciar contribuições para o processo de ensino e aprendizagem ao agregar ludicidade, criatividade e conhecimento crítico ao seu ensino. Ainda nesse cenário:

Crozat (2016) evidencia a música como um instrumento indispensável para o entendimento da complexidade da noção de identidade, além do caráter visual e espacial que a música traz quando associada às imagens e paisagens. As músicas ao se referirem ao espaço promovem uma espacialidade que é facilmente reconhecida pelos sujeitos que vivem em sociedade, em particular os discentes, que rapidamente se apropriam dos textos e sons para expressarem suas visões de mundo e ampliarem as redes de diálogos.

As músicas como metodologia para o ensino de Geografia têm uma grande importância, especialmente por que nos permite abarcar uma diversidade de temas que essa ciência aborda. As canções trazem, em sua essência, um leque de informações que fazem parte do cotidiano das pessoas, de suas crenças, de suas culturas, da política, das questões sociais. Trabalhar esses temas que são a base das relações das pessoas através da música é um diferencial, além do que foge à metodologia tradicional, convencional aplicada em sala de aula. (MACEDO, 2020. p. 302-317)

É comum muitos de nós associarmos circunstâncias de nossas vidas com letras de músicas, e com nosso alunado certamente não é diferente e possivelmente isso é mais intenso ainda na vida deles por conta de sua faixa etária. Nesse âmbito, Silva (2015) também acredita que a música pode ser usada como importante instrumento de ensino nas aulas de geografia, porque, através da análise de suas letras, o professor pode realizar um debate entre o conteúdo e o contexto em que a música foi escrita. Além disso, o aluno poderia realizar uma análise mais crítica do conteúdo, por se tratar de uma metodologia lúdica, que favorece a assimilação e

memorização, o que pode gerar grandes benefícios ao processo de ensino e aprendizado dessa disciplina tanto para os alunos quanto para o professor.

Dentre as alternativas recreativas para o ensino, não se pode deixar de citar o uso das histórias em quadrinhos como forma de aquisição de conhecimento. Uso que segundo Rocha (2018) ganha um caráter de ferramenta pedagógica, pois, é capaz de articular saberes e transformar práticas. As histórias em quadrinhos quando aproximadas à geografia, proporcionam formas diferentes de se reinterpretar e construir o espaço e as relações sociais de poder. Isto ocorre, porque como destacado por Costa (2011), as histórias em quadrinhos transmitem valores formadores de identidades e significações que refletem determinadas ideias, costumes e modos de vida.

Sem dúvidas, toda e qualquer atividade diferenciada que for aplicada em sala de aula será um impulso para aflorar a criatividade dos alunos adolescentes e aguçar suas curiosidades sobre os mais variados assuntos, eles só precisam se sentirem engajados e, é papel do professor fazer com que isso aconteça e de forma cotidiana, não deixando a monotonia fazer parte do dia a dia na escola e dentro das salas de aula. Mendes (2019) ainda evidencia que:

Outro ponto a ser destacado é que por fazer parte do cotidiano das pessoas como por exemplo em prateleiras de livrarias, bancas de jornais, em estantes de sebos. As histórias em quadrinhos podem ser consideradas também uma potente ferramenta metodológica para a teoria da aprendizagem significativa, pois, seu uso estimula a curiosidade, motivando a uma reflexão acerca do espaço geográfico partindo da experiência e visão de mundo de quem os lê. (MENDES, 2019. p. 7).

Certamente tudo o que desperta curiosidade fará com que os discentes tenham mais ânimo para compreender o conteúdo abordado através das histórias em quadrinhos, algo que pode parecer simples mais que para eles fará toda diferença na hora da aprendizagem, é disso que eles precisam, serem compreendidos, aprender de uma forma mais leve e significativa.

A Geografia é uma ciência fundamental para a construção do conhecimento e formação dos sujeitos, permitindo-lhes compreender e intervir nos mais diversos fenômenos sociais que ocorrem em seu cotidiano. Para que isso ocorra, o professor de Geografia deve se cercar de diversas metodologias, revendo assim, suas estratégias na construção do ensino-aprendizagem. Isto, por sua vez, deverá contribuir para a negação da geografia como uma disciplina que se “decora” e o faça reconhecê-la em seu dia a dia (SILVA, 2015. p. 31)

Contudo, vale salientar que ao planejar as atividades o professor deve ter em pensamento os seus alunos e a forma como cada um aprende e se comporta em sala de aula, Cavalcanti (2011) aponta que, se desejamos refletir sobre aspectos metodológicos do ensino de Geografia, “[...] o primeiro passo é colocar o aluno como centro e sujeito do processo de ensino”. Essa é a chamada teoria da aprendizagem significativa. Teoria que segundo Pelizzari *et al* (2002) propõe

a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, para a posterior construção de estruturas mentais que permitam os estudantes a redescobrir outros conhecimentos.

Nesse caso, é carecido valorizar os alunos em sala de aula, dizer que é só o professor quem dita as regras, é o dono da razão em sala de aula é coisa de um passado já muito distante. Os discentes, principalmente esses que estão em fase de mudanças bruscas em seu corpo e forma de pensar, e que são estudados na presente pesquisa, necessitam se sentirem acolhidos, precisam expor seus pensamentos. Nesse contexto o professor deve fazer com que eles tenham suas vozes ouvidas em sala de aula, certamente o aprendizado será melhor e os conteúdos se tornarão mais interessantes em vista que os discentes se sentirão parte da construção de discernimentos durante as aulas.

Assim sendo, a contextualização durante a aplicação dessas atividades diferenciadas é que fará com que os alunos se identifiquem com o que está sendo abordado, e quando eles conseguem enxergar os conteúdos das aulas presentes em seus cotidianos, o interesse se torna maior e aquilo que está sendo estudado ficará gravado em sua memória.

3.5 Tecnologias Digitais no Ensino de Geografia.

As tecnologias digitais são um importante recurso didático e com certeza são uma boa alternativa para sair das aulas cotidianas nas escolas, evidenciando novas possibilidades de aprendizagem tanto para os alunos quanto para os professores. O uso das tecnologias digitais em sala de aula ainda é muito incipiente, muitos professores apresentam resistência quanto as suas utilizações, a pandemia foi quase que um empurrão para que elas fossem implantadas e utilizadas como alternativa didática, certamente no pós pandemia a maioria dos docentes continuará a utilizar elas como recurso metodológico.

A escola de hoje é fruto da era industrial, foi estruturada para preparar as pessoas para viver e trabalhar na sociedade que agora está sendo convocada a aprender, devido às novas exigências de formação de indivíduos, profissionais e cidadãos muito diferentes daqueles que eram necessários na era industrial. (SOUSA, 2011. s/p)

Sousa (2011) ainda enfoca que somente a introdução dos computadores na escola não é suficiente, para que a prática pedagógica possa ser ressignificada, quando a questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. E isso passa evidentemente pela formação contínua de educadores.

Apesar dos discursos inquietantes e iniciativas já existentes, assiste-se a uma situação extremamente paradoxal: enquanto as crianças e jovens interagem com mais

informações audiovisuais e meios eletrônicos do que com mídias impressas, vivendo em um mundo permeado pelas tecnologias digitais, seus professores foram formados para ministrar um ensino baseado em técnicas pedagógicas, conteúdos e materiais convencionais. Muitos educadores acabam apenas reproduzindo os modelos tradicionais de ensino quando propõem atividades com objetos digitais em sala de aula, desconsiderando a transição do paradigma aprendizagem/ sala de aula/escola para aprendizagem/redes sociais/sociedade do conhecimento. (SOUSA, 2011. s/p)

Assim, Pereira e Fonseca (2020) apontam que a Geografia é uma ciência indispensável para compreender o mundo e sua totalidade, uma vez que possibilita aos alunos entenderem múltiplas escalas de análise. Nesse sentido, é indispensável pensarmos sobre o seu processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na contemporaneidade na qual as metodologias de ensino precisam se articular ao uso de novas tecnologias, as frequentes redefinições dos currículos do ensino básico, as diversidades nacionais, dentre outros fatores

Não é possível saber exatamente de que maneira as novas tecnologias transformarão os cenários em que se desenvolverá a educação do futuro. Mas quase ninguém duvida de que elas mudarão a atual estrutura da empresa educacional, assim como seus modos de operação. (TEDESCO, 2004, p. 48)

Nessa conjuntura, o professor Libâneo (2004) destaca que os meios de comunicação passaram a exercer domínio sobre as representações, os discursos e o imaginário das pessoas, ou seja, quem domina tais tecnologias estará à frente dos demais e terá a capacidade de ajudar na formação de opiniões.

Sendo assim, vale salientar que os docentes devem estar preparados e aptos para fazer uso das novas tecnologias que vão surgindo a cada momento no mundo atual, e seus alunos com certeza sabem fazer uso das mesmas, assim saber utilizar essas novas ferramentas como metodologias de ensino faz com que o engajamento e a aprendizagem dos alunos seja melhor aproveitada.

Nesse sentido, cabe aos docentes aprender a dominar tais tecnologias e conseqüentemente elaborar aulas mais atrativas para seus discentes, aproximando-se mais da realidade deles e seus modos de linguagens e comportamentos. Segundo Libâneo (2004), uma metodologia onde professores e alunos falem a mesma linguagem possibilita que ambos elaborem ideias, sentimentos, valores, atitudes, utilizando articuladamente múltiplas mídias escolares e não escolares.

Nesse enquadramento, vale ressaltar a importância da frequente atualização das metodologias didáticas na carreira docente, as coisas mudam e a forma de ensinar deve mudar junto com elas, é preciso estar sempre atento e apto para utilizar as novas ferramentas que vão

surgindo pois seus alunos certamente sabem utilizá-las e muito bem, cabe ao docente unir o útil ao agradável e tornar o processo de ensino e aprendizagem cada vez melhor e mais eficaz. Gonzales (2019) afirma que a geografia foi uma das disciplinas que maior impacto experimentou com a revolução das tecnologias da informação e da comunicação e, mais especificamente, com a própria evolução da Internet. Assim sendo:

Com base nos conceitos mencionados, pode-se ressaltar que a Cartografia vem ganhando novas ferramentas para seu desenvolvimento e isso passa a integrar o espaço da escola. As novas tecnologias de informação e de comunicação disponíveis na rede mundial de computadores, os inúmeros softwares livres, grupos de colaboração e de produção de conteúdo influenciam profundamente no cotidiano da sala de aula. (BATISTA, 2019. p. 606-617)

As novas tecnologias que vão surgindo são grandes aliadas para o ensino de geografia, é importante evidenciar que a utilização delas em sala de aula se fazem necessárias no contexto de mundo globalizado onde o alcance dessas ferramentas está cada vez mais possível para todos.

3.6 Trabalhos de Campo no Ensino de Geografia

Os trabalhos feitos fora da sala de aula devem ser abarcados como instrumento indispensável para o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de geografia, pois ela é a disciplina que estuda o todo, está inserida em todos os lugares e num cenário de aulas contextualizadas tornam-se ferramenta única.

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem o espaço, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de seus espaços geográficos mais amplos. Ao construírem geografia, constroem também conhecimento sobre o que produzem, conhecimentos que são geográficos. (CAVALCANTI, 2012. p. 33)

Gonzales (2019) destaca que entre as sugestões, o trabalho de campo se destaca como a primeira iniciativa para preparar o desenho de uma saída didática. O trabalho de campo é essencial e significa visitar o espaço selecionado quantas vezes for necessário, analisando todo o percurso a fim de localizar elementos de interesse para os alunos. Sendo assim, “Em uma saída didática, o objetivo é buscar que os alunos sejam competentes para observar, descobrir, verificar, coletar, manipular e explicar tudo o que percebem.” (Benejam, 2003).

Em uma sociedade como a atual, muitas vezes assolada pela crise econômica, os desequilíbrios sociais e a baixa consciência ambiental, sair e conhecer in situ as diferentes realidades espaciais, tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas, representa um bônus adicional na formação geográfica dos alunos e, acima de tudo, na conscientização do mesmo como cidadãos reflexivos e críticos. (GONZALEZ, 2019. p. 14)

O trabalho de campo é a oportunidade do professor mostrar aos seus alunos o conteúdo estudado em sala de aula na prática, revelando para eles que a geografia está presente em seus cotidianos mais do que eles imaginam, e fazer com que os mesmos entendam o valor que a disciplina tem para a vida deles como parte de uma sociedade complexa. O trabalho extra classe também motiva os alunos a aprenderem mais, pois é uma atividade diferenciada que sai da mesmice em sala de aula.

O trabalho de campo é uma das metodologias de ensino mais tradicionais da Geografia e tem representado o contato com a realidade, embora não seja a própria realidade. Não podemos considerá-lo como empirismo estanque, destituído de uma intenção didático-pedagógica e teórica. Nesse sentido, é recorrente a confusão ou a limitação do pensamento dos docentes de que o trabalho de campo representa a prática em si, quando, na realidade, é um instrumento que se articula com o campo teórico. (SOUZA, 2020. p. 102-123)

São esses trabalhos fora da sala de aula que tornam a Geografia uma disciplina apaixonante, que tornam ela mais interessante e boa de se questionar, pois ela está em todos os lugares por onde passamos. Fazer trabalhos de campo não é muito fácil, pois precisa-se de transporte, segurança para os alunos, materiais para se usar durante a aplicação de determinado trabalho práticos, enfim, um mínimo de conforto para que tudo ocorra como planejado, e são dificuldades como essas que fazem com que Professores desistam de fazer esses trabalhos que são muito importantes para o entendimento da Geografia. É preciso haver mais investimento dos órgãos públicos para que os Professores consigam levar seus alunos a campo pois os mesmos já ganham muito pouco para tirar do próprio bolso e bancar o trabalho. Quando isso ocorrer sem dúvidas o percentual de alunos que acham Geografia uma disciplina interessante irá crescer consideravelmente.

Pena (2019), diz que os objetos de análise de um trabalho de campo podem ser os mais variados, tais como: O impacto da instalação de uma grande indústria sobre uma região, problemas ambientais na cidade, uma visita sobre uma área agrícola, além que qualquer outra manifestação social ou cultural que aconteça sobre o espaço geográfico e para uma melhor execução dessa metodologia tanto para fins didáticos quanto para fins de estudos científicos, é preciso que se realize um bom planejamento.

Uma atividade fora de sala de aula não deve ser feita de qualquer jeito, é preciso fazer um bom planejamento, data, hora, local, o que estudar e observar, o porque a atividade está sendo aplicada, seus objetivos gerais e específicos etc.

Mafra e Flores (2017), dizem que a prática de campo na Geografia escolar básica pode promover o exercício de observar, sentir e refletir, proporcionando novas interpretações sobre

a realidade e a paisagem, as quais, na maioria das vezes, apenas o ensino em sala de aula não possibilitando o contato direto com o objeto de estudo.

Souza, Pinto e Couto (2012), dizem que o professor, ao incluir a aula de campo em sua forma de ensinar a Geografia, impulsiona seus alunos a direcionar seu olhar para as questões espaciais que os envolvem, dando-lhes a possibilidade de análise e interação direta com o principal objeto de estudo da geografia, o espaço geográfico e suas transformações, facilitando a compreensão de conteúdos geralmente discutidos apenas no interior da sala de aula, como é o caso da geografia urbana.

Selbach (2010), fala que por meio de atividades externas, os alunos têm a chance de descobrir uma nova Geografia, não apenas como tema restrito na sala de aula, mas como projeto de pesquisa no qual se aprende a olhar o objeto estudado e a atribuir-lhe sentido.

Nesse sentido, faz-se necessário a aplicação dessas atividades, para que as aulas ministradas tenham uma melhor eficácia, existem muitas dificuldades para se realizar um trabalho de campo, porém é algo de extrema importância e deve ser feito sempre que possível.

3.7 Formação do Docente de Geografia

O processo de formação de professores deve ser sempre atualizado, pois o que se aprendeu e se utilizou nas aulas há 5 ou 10 anos atrás talvez já não façam o mesmo sentido nos dias de hoje e assim sucessivamente. É preciso estar sempre atualizado de novas técnicas de ensino para as gerações atuais, o mundo muda e junto com eles os jovens e adolescentes também mudam, os de hoje não gostam das mesmas coisas que os do passado gostavam, logo é preciso buscar conhecer novas coisas que estes alunos gostam e usá-las para aplicação das aulas, ao invés de fazer dessa diversão um inimigo por que não usá-las ao seu favor? Nos dias de hoje, por exemplo, eles estão muito conectados com a internet e vivem no celular, seria interessante utilizar dessa ferramenta para tornar as aulas mais atrativas, como uso de aplicativos por exemplo, certamente os discentes ficariam mais interessados em usar essa ferramenta para aprender os conteúdos abordados.

Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores (MERCADO, 1999. p. 12)

Nesse contexto é de fundamental importância que o docente saiba utilizar as novas mídias digitais e tecnologias que vão surgindo com o passar dos anos, pois isso, de fato, facilitará seu trabalho bem como o processo de aprendizagem dos alunos que estarão diante de coisas que utilizam em seu dia a dia, e melhor, que gostam de trabalhar com elas.

Mercado (1999), enfatiza que a internet além de proporcionar muitas possibilidades educativas e comunicativas pode ser considerada um sistema de ensino pois afetam tanto o sujeito do processo de ensino e aprendizagem como organizações e por proporcionar ferramentas de ensino diversificadas para os professores. O acesso a internet deveria ser de fácil acesso para todos, pois o uso dessa tecnologia evidentemente é de fundamental importância no processo de formação continuada dos profissionais da educação. Esse procedimento deve ser abarcado logo na graduação.

As disciplinas de Estágio Supervisionado também nomeadas de Prática de Ensino em algumas grades universitárias formam um conjunto de reflexões no processo de formação de professores que incidem diretamente na construção inicial do *habitus* e da práxis docente. (MORAES, 2020. p. 1)

Nessa circunstância vale ressaltar que:

O Estágio Supervisionado, por propiciar o vínculo entre universidade e escola na formação de professores, pode ser entendido como um meio pertinente para a construção de valores e comportamentos que fletem essas três dimensões citadas (MORAES, 2020. p. 3)

Assim sendo, o estágio supervisionado no ensino é uma importante fase da graduação de licenciandos, visto que esses são seus primeiros contatos com o futuro ambiente de trabalho. Assim, é possível formar profissionais de magistério mais aptos a trabalhar com a variedade de mentes diferentes umas das outras em sala de aula, fazendo com que os mesmos tenham experiências necessárias para desenvolver suas práticas metodológicas em sala de aula. Vale salientar o estágio é, uma forma importante de troca entre universitários, profissionais da educação e alunos da educação básica. Uma troca onde todos saem ganhando, principalmente o processo de ensino e aprendizagem que certamente se tornará cada vez melhor com os devidos aperfeiçoamentos e atualizações.

A formação continuada de professores é importante visto que os tempos mudam e com eles novas coisas e ideias vão surgindo, é preciso se reinventar em sala de aula, aquilo que serviu ontem como alternativa didática, hoje talvez já não atinja os resultados esperados. É preciso inovar para fazer com que o aluno aprenda os conteúdos de verdade e os leve para a vida ao invés de apenas acumular informações apenas para passar nas provas. Nesse contexto o Plano Nacional de Educação estabeleceu metas para a melhoria da educação básica no Brasil,

afim de incentivar o desenvolvimento dos alunos de níveis fundamentais e médio. Dentre as metas podemos citar: universalizar o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar a taxa de matriculados no ensino médio para oitenta e cinco por cento. Quanto mais jovens tiverem acesso ao ensino médio, melhor para o desenvolvimento do país porque a educação é a base de qualquer país desenvolvido, e é nela que devemos apoiar nossa esperança em futuro melhor.

Outra meta é a valorização dos profissionais do magistério das redes públicas de educação básica, de forma a equiparar seu rendimento médio a dos demais profissionais com escolaridades equivalentes. Nesse contexto é muito importante frisar a necessidade da profissão de professor ser valorizada, pois com isso serão atraídos melhores profissionais para atuarem nessa área, muitas vezes as pessoas têm vocação para a profissão de magistério e adorariam exercê-la, porém a desvalorização e os baixos salários acabam afastando esses profissionais que com certeza atuariam com muita dedicação e assiduidade nesta carreira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ensino de geografia aplicado nos anos finais do ensino fundamental, do ponto de vista da presente pesquisa, de revisão literária, está relacionado a partir de alguns elementos como: Estratégias de ensino para alunos dessa faixa etária, práticas pedagógicas eficientes bem como fatores chaves que contribuem para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, e também apontar estratégias metodológicas possíveis de serem alcançadas e aplicadas em sala de aula pelos docentes.

4.1 Estratégias Metodológicas no Processo de Ensino e Aprendizagem Para os Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

A partir dos artigos estudados para a realização da pesquisa presente, notou-se que muitas são as estratégias utilizadas em sala de aula para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem e que é possível aplicá-las com os discentes de forma pragmática e com bons resultados. Porém pode-se observar no (Gráfico 01) que a grande maioria das pesquisas estudadas estão voltadas para o ensino médio e ensino superior (formação dos professores de

geografia), que são estudos com grandes potenciais e extremamente necessários, muito se fala também dos anos iniciais do ensino fundamental, apenas 8 dos 66 artigos estudados são voltados para os anos finais do ensino fundamental, o que aponta que Meirelles (2012) tem razão quando enfatiza que essa fase do ensino básico é negligenciada pelos profissionais da educação.

Gráfico 01: Quantidade de Trabalhos Por Nível de Ensino



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento da Pesquisa - 2021

Observa-se no (gráfico 01) que a quantidade de trabalhos voltados para o ensino médio e ensino superior, referentes aos artigos publicados, são muito altaneiros em comparação com aqueles focados no ensino fundamental. Justificando dados apontados anteriormente pelos autores citados que essa fase da educação básica muitas vezes é desatendida pelos profissionais da educação, fato que culmina em poucas soluções alternativas para a melhoria e aperfeiçoamento de técnicas metodológicas voltadas para essa faixa etária.

Martins (2020), fala que é muito importante focar nas transições entre os níveis de ensino pelo qual os discentes são submetidos, nos anos finais do ensino fundamental II surgem muitas cobranças que eles não estavam acostumados a ter, aparecem professores especialistas para cada disciplina, tempos de aulas mais curtos, provas cada vez mais exigentes e além de tudo isso eles estão na fase do desabrochar da adolescência, uma transição por si só muito desafiadora.

O autor enfatiza que garantir uma boa adaptação para esses alunos com as novas realidades no ambiente escolar não é uma tarefa fácil, porém se torna melhor de se fazer quando compreende-se o contexto de onde esses alunos vieram, seja de casa ou de uma outra etapa de ensino. A Base Nacional Comum Curricular, em vigor nas escolas brasileiras, aponta soluções para uma transição escolar mais amena da Educação Infantil para o Ensino Médio, mas não há orientações para a passagem do ensino fundamental I para o II e nem do Ensino Fundamental II para o Ensino Médio.

Tendo em vista essa questão, Martins (2020) ressalta que é importante conhecer as experiências de outros professores para um melhor acolhimento das turmas que estão passando por essas fases de mudanças. Assim sendo, estudos anteriores sobre essas fases de transições no processo de ensino e aprendizagem são ponto chave para garantir uma melhor adaptação dos alunos nessas fases diferentes pela qual todos passarão.

Martins (2020) evidencia que a mudança do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental certamente é a mais complexa de todas, pois os discentes se vêm em uma realidade totalmente diferente da qual estavam acostumados, pois eles perdem o laço de afetividade que tinham anteriormente com um único professor que era referência para eles no dia a dia escolar. Essa fase é muito dificultosa para ambos os lados do processo de ensino e aprendizagem e, é necessário evidenciá-la para que posteriormente ocorra uma melhoria significativa em alternativas didáticas para essa fase do ensino que é importante no processo de formação de um cidadão

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos anos finais do Ensino Fundamental pretende-se garantir a continuidade e a progressão das aprendizagens dos anos iniciais (BRASIL, 2017). A Geografia, a partir de suas unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, deve complexificar a compreensão conceitual a respeito da produção do espaço (BRASIL, 2017). Segundo Callai (2017), na busca da construção do conhecimento, a tarefa escolar é “trabalhar com conteúdos específicos, com o desenvolvimento de habilidades e com a construção de conceitos”.

Sendo assim, faz-se necessário uma abordagem de conceitos geográficos da forma mais lúdica possível a fim de fazer os alunos entenderem o sentido da disciplina para e eles e ao mesmo tempo prepará-los para a outra fase da educação que é o ensino médio, onde o processo de ensino e aprendizagem terá um caráter mais social, preparando-os para a vida em sociedade, mercado de trabalho, cursos técnicos e cursos superiores.

No entanto, vários autores dos artigos científicos estudados, como Silva Neto (2019) ressaltam que ainda preponderam, tanto na escola como nas instituições formadoras, os procedimentos teórico-metodológicos tradicionais de ensino, que são utilizados pelos docentes de Geografia, de maneira desarticulada, fragmentada, repetitiva e mnemônica. Nesses moldes, o livro didático muitas vezes é utilizado como único recurso no processo educativo. Concorda-se com Tardif (2012) quando pondera a assertiva afirmando que mesmo com todas as discussões realizadas nos últimos anos, tais processos continuam sendo imperativos e predominantes no ambiente educacional, principalmente em espaços públicos.

Independentemente disso, acata-se o pensamento de Silva Neto (2019) quando evidencia que não se objetiva culpar somente os professores por todos os percalços educacionais, mas de tentar compreender que tais processos estão inseridos em contextos socioespaciais. Problemas como formação e condições de trabalho são inerentes a esses processos e, portanto, extrapolam o cotidiano escolar.

Sendo assim, Cavalcanti (2010) complementa, afirmando que os problemas de ordem estrutural, tais como a falta de recursos e a infraestrutura debilitada, fazem parte do contexto social no qual a escola está inserida. Segundo a autora, é preciso que os professores reconheçam a existência desses problemas e canalizem forças para transformá-los.

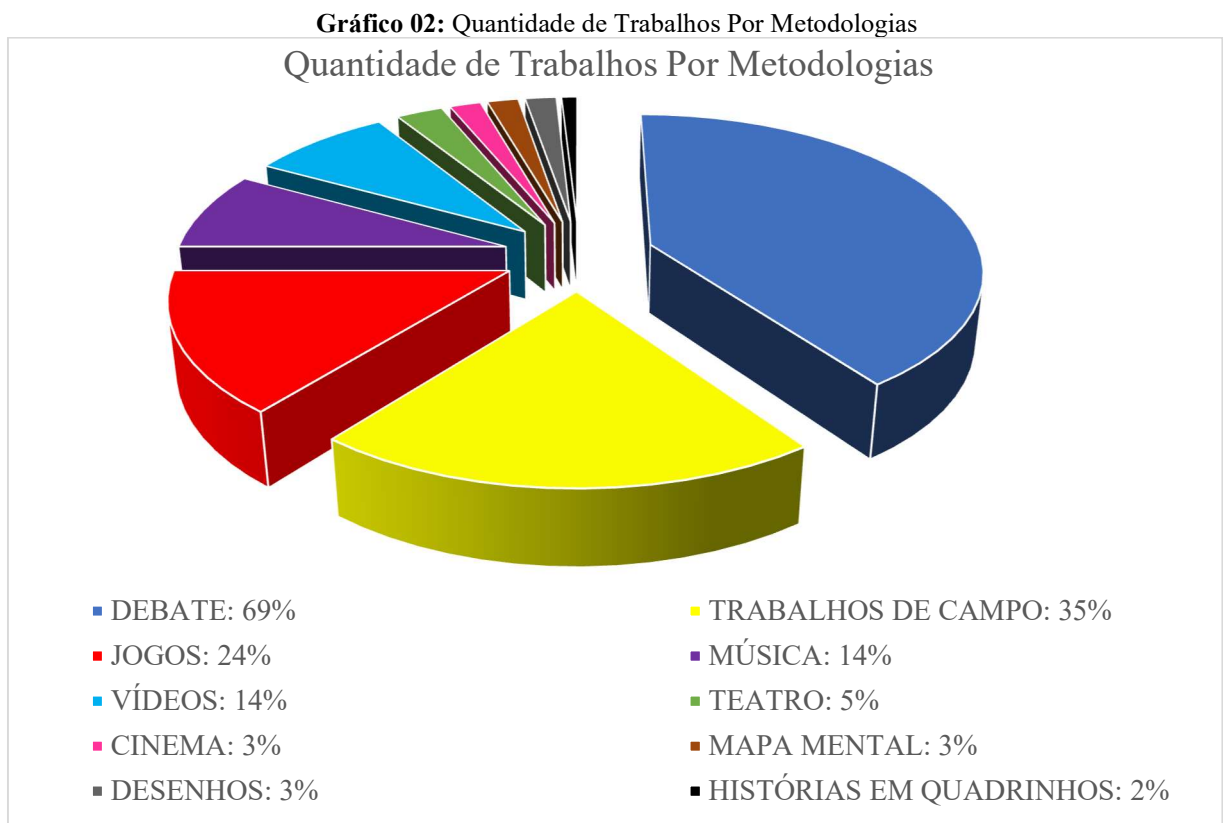
Nesse caso, Richter (2011) argumenta que “como qualquer outro campo científico que faz parte dos saberes curriculares da escola, essa disciplina busca proporcionar ao aluno um novo olhar sobre o seu contexto sociocultural”. E para a Geografia, esse olhar que está relacionado ao estudo do espaço, é o mesmo vivenciado ao longo de sua vida, transformando de acordo com suas necessidades básicas, ainda mais se for um local pequeno, como uma comunidade por exemplo.

Para a construção do conhecimento científico na escola ainda precisamos propiciar aos alunos momentos de interação com os seus colegas de sala (trabalhos em grupo, por exemplo) e de autonomia na realização das tarefas, levando-os a participar ativamente na elaboração de significados. Além disso, criar um ambiente encorajador em sala, onde o estudante não fique com receio de se expor, também se faz necessário quando a aula tem como objetivo o ensino dos conceitos geográficos, além de promover a realização de reflexões a partir do conhecimento que o aluno traz para a escola, entendendo esses saberes como hipóteses para serem testadas. (MACHADO, 2019. p. 171)

É importante fazer com que o aluno se sinta parte do processo da própria formação, tenha um sentimento de pertencimento ao local em que estuda, tenha segurança na hora de participar das tarefas em grupo, atividades que façam com que ocorra um engajamento por parte deles são de fundamental importância e certamente farão muita diferença no resultado final, que é sua formação para a vida cotidiana.

4.2 Práticas Pedagógicas e Fatores Chaves que Contribuem Para o Processo de Ensino e Aprendizagem.

Pode-se observar no (Gráfico 02) que são diversas as possibilidades de aulas mais lúdicas no processo de ensino e aprendizagem na educação básica, levando em consideração os artigos científicos estudados para a base literária dessa pesquisa, apesar da maioria não serem voltados para ao anos finais do ensino fundamental é possível utilizá-los com alunos dessas faixas etárias fazendo adaptações para que eles consigam absorver o conteúdo de maneira mais eficiente bem como sentirem-se parte do processo.



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento da Pesquisa - 2021

São muitas as possibilidades didáticas em sala de aula para atrair a atenção dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, que estão passando por uma série de mudanças em vários aspectos de suas vidas. Os autores estudados evidenciam várias maneiras de tornar o processo de ensino e aprendizagem para essa e outras faixas etárias melhor aproveitado. No (Gráfico 02) é possível observar que o debate está presente em quase 70% das pesquisas, isso porque essa é uma ferramenta que deve ser utilizada antecedendo as outras atividades, com ela o professor começa a entender seus alunos, o que eles já sabem sobre o tema proposto, qual o

nível de estudos da turma quanto ao conteúdo que será abordado bem como encontrar a melhor maneira de contextualizar o que será exposto durante uma atividade diferenciada.

Nesse sentido, Capecche e Carvalho (2000), argumentam que a realização de debates em sala de aula oferece aos discentes a oportunidade para eles exporem suas ideias prévias a respeito de fenômenos e conceitos científicos em um ambiente estimulante. Com isso se faz necessário a criação de espaços onde os alunos possam falar, e através dessas falas, tomar consciência de suas próprias ideias, além de aprenderem a se comunicar com base num novo gênero discursivo, o científico escolar.

Sendo assim, o debate é uma metodologia que deve ser sempre utilizada em sala de aula e que não requer qualquer tipo de gastos, sendo possível aplicá-lo em qualquer ambiente escolar, desde o mais simples aos de elite. Isso tornará a aprendizagem dos alunos melhor pois essa também é uma técnica eficiente para guardar as informações obtidas pois ocorrerá troca de ideias entre os estudantes e o professor.

O trabalho de campo ganha destaque no (gráfico 02), sendo utilizado em cerca de 35% das pesquisas estudadas, o que aponta que atividades fora da sala de aula despertam o interesse dos alunos pela disciplina de geografia e, essa é uma atividade recreativa capaz de mostrar aos discentes a importância da disciplina de geografia para a vida deles no meio social.

Nesse contexto, as atividades de campo são fonte necessária para obtenção de conhecimentos geográficos. Para a BNCC, “conectar a realidade do lugar e do tempo contribui para a construção da aprendizagem (BRASIL, 2018).”

O trabalho de campo é a oportunidade do professor mostrar aos seus alunos o conteúdo estudado em sala de aula na prática, revelando para eles que a geografia está presente em seus cotidianos mais do que eles imaginam, e fazer com que os mesmos entendam o valor que a disciplina tem para a vida deles como parte de uma sociedade complexa. O trabalho extra classe também motiva os alunos a aprenderem mais, pois é uma atividade diferenciada que sai da monotonia da sala de aula.

O conhecimento geográfico é muito importante na formação de um cidadão consciente de seu lugar no mundo. A geografia está em todos os lugares, ao nosso redor, e os trabalhos de campo fazem com que essa aprendizagem se torne mais eficiente bem como necessária para a construção de um pensamento mais crítico e humanizado da realidade em que se vive, para isso a contextualização das aulas se faz muito necessária e os trabalhos de campo, como atividade recreativa, são os melhores aliados nessa conjuntura.

Antes de se iniciar uma atividade de campo, é necessário que ocorra uma boa preparação dos discentes ainda em sala de aula, traçando objetivos pertinentes para a realização da eventual proposta de trabalho extra classe. Sendo assim, a compreensão das atividades a serem realizadas por parte dos educandos será melhor e mais harmônica com a ideia inicial do professor, além de possibilitar uma análise mais precisa da realidade estudada no eventual local do trabalho de campo.

Nesse sentido, quando o professor for realizar esse tipo de atividade é necessário investigar a realidade do local em que será feita a atividade recreativa, para que a aprendizagem se torne mais significativa e marque de alguma forma a vida do jovem discente. Sendo assim concorda-se com Oliveira (2020) quando esse autor evidencia a contextualização na prática pedagógica extra classe:

Ao se pensar a Geografia no contexto do ensino, é preciso levar em consideração as diferentes realidades educacionais em que ela se insere na constituição dos processos de ensino e aprendizagem, sendo que no contexto da educação do campo esta perspectiva torna-se central ao possibilitar o avanço reflexivo das constantes transformações na relação sociedade-natureza que se materializam no espaço do campo, situadas no bojo da questão agrária brasileira, e que são advindas do cotidiano da vida e do trabalho social desenvolvido em suas trincheiras, sem contudo perder a dimensão do movimento local-global na compreensão da unidade/particularidades da produção do espaço geográfico na atualidade. (OLIVEIRA, 2020. p. 593)

Essa é uma atividade possível de ser realizada pelos docentes, apesar de que muitas vezes não se tenha apoio financeiro para levar os alunos para uma atividade mais distante da escola, é possível realizá-la em frente à escola, na mesma rua, no mesmo bairro, pois a geografia está em todos os lugares e, é possível abordar diversos conteúdos geográficos apenas no local onde se localiza a instituição de ensino. Essas atividades são fundamentais para a formação de um pensamento geográfico crítico nos discentes bem como nos próprios docentes em sua formação continuada.

Nesse sentido, Bezerra, Alencar e Oliveira (2020) ponderam que as aulas e os trabalhos de campo são fundamentais no contexto de formação de um geógrafo. Portanto, é imprescindível reconhecer a importância da base teórico-metodológica que rege tal prática que evidencia o ensino de geografia em um complexo de interpretação, compreensão e construção de uma sociedade. Sendo assim, pensar a formação na área da ciência geográfica é um desafio constante e necessário para o avançar nas práticas de campo. Marafon (2009) aborda que:

Uma das funções mais importantes dos trabalhos de campo é transformar as palavras, os conceitos em experiências, em acontecimentos reais para a concretização dos conteúdos. Dessa forma, por meio da observação e realização de entrevistas, questionários, os pesquisadores e estudantes irão apreendendo a realidade. (MARAFON, 2009, p. 338).

Nesse contexto, Bezerra, Alencar e Oliveira (2020) enfatizam que ir a campo proporciona um dos momentos mais ricos na vida de um estudante de Geografia, seja na educação básica ou superior. E cada uma dessas experiências, nesses momentos, são carregadas de emoções e significados, esperanças, indignações, e os mais diferentes sentimentos, é neste ponto que o rigor metodológico da execução deve se dar. A afetividade é fundamental para um olhar geográfico particular, porém as observações, mediações e considerações devem seguir o parâmetro delimitado no planejamento, atendendo os objetivos traçados. Nesse sentido ao realizar esse tipo de atividade é importante um bom planejamento prévio por parte dos docentes, sendo assim Mafra e Flores (2017) demonstram que:

A primeira fase deve contemplar as seguintes atividades: definição dos objetivos, seleção do local, visita prévia ao local do campo, elaboração da autorização para os responsáveis, elaboração da ficha de saúde dos alunos, elaboração do roteiro de campo, seleção e preparação do material individual e coletivo, solicitação de autorização do local a ser pesquisado, caso seja necessário, verificação da logística de deslocamento, definição das normas de comportamento, apresentação do projeto aos alunos, preparação teórica e técnica aos alunos na sala de aula e orientação quanto ao vestuário e normas de segurança (MAFRA; FLORES, 2017, p.14)

Todo esse preparo é importante para o sucesso dessa atividade recreativa, um bom planejamento fará toda a diferença para sua realização bem como o atingimento dos objetivos que entre eles o mais importante é uma aprendizagem significativa para os alunos, essa atividade não deve ser encarada como um passeio, o professor deve por isso na mente de seus alunos, fazendo-os compreender o real sentido da atividade fora da sala de aula e que a geografia é uma grande aliada para sua formação como cidadão consciente, íntegro, capaz de viver em sociedade, entender sua própria realidade e intervir para a melhoria dos espaço onde habita, assim os trabalhos de campo tornam-se atividades indispensáveis para uma melhor aprendizagem geográfica.

Nesse seguimento, atividades lúdicas também fazem toda a diferença em sala de aula para um bom processo de aprendizagem por parte dos discentes, principalmente os das faixas etárias que são objeto da presente pesquisa. Eles estão sempre antenados com as novidades, filmes, músicas, jogos etc. Então, por que não usar isso em favor de uma aula mais dinamizada a fim de melhorar o ambiente escolar para esses discentes? Muitas vezes o que eles precisam é sentirem-se mais à vontade, acolhidos e entendidos, pois um turbilhão de emoções passa por suas cabeças nessa fase de mudanças, quando estão deixando de ser crianças e se tornando adolescentes e posteriormente adultos. Nessa conjuntura:

As linguagens são produções artísticas, culturais e intelectuais realizadas a partir das ações humanas, das suas experiências de vida, sentimentos e crenças; são

construídas e reconstruídas ao longo do tempo, levando em consideração o contexto socioespacial no qual os indivíduos que as produzem estão inseridos. As linguagens ampliam as potencialidades do intelecto humano e colaboram para a facilitação da apreensão do conhecimento, bem como a mobilização de diferentes saberes; empregadas com a finalidade de educar, ampliam as possibilidades de sucesso do educador, como mediador do processo de construção do conhecimento, e do educando em aprender. (Santos; Santos, 2020. p. 479)

A produção de conhecimento no ambiente escolar de educação básica, deve se pautar em pressupostos de que o aluno não é apenas um sujeito do processo de ensino e aprendizagem, mas aprende com os outros aquilo que seus grupos sociais produzem, nesse sentido, Vygotsky (1926) evidenciava que o papel da linguagem e do processo histórico social no desenvolvimento do indivíduo eram pertinentes e que a questão central seria a aquisição de conhecimentos pela interação do indivíduo com o meio onde vive. Para esse autor esses sujeitos não são apenas ativos, mas também interativos, porque eles adquirem conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais. E, é nessa troca com os demais sujeitos que os conhecimentos assim como as funções sociais são incorporados.

Nessa perspectiva, Aragão (2020) aponta que as atividades lúdicas compõem uma das estratégias mais diversificadas e acreditadas para levantar os saberes prévios dos estudantes a respeito das problemáticas sociais, como compreender as cidades, os problemas socioambientais, desigualdades sociais, dentre outros na construção de conhecimentos relacionados aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Autores como Teixeira (1995) e Rupel (2011) enfatizam a relevância do lúdico para a motivação dos estudantes, além da sociabilidade e criatividade dos mesmos em reflexões de maior abstração.

Nesse sentido, vídeos, cinema e teatro são possibilidades metodológicas louváveis, capazes de despertar nos discentes várias emoções que farão com que compreendam melhor sua realidade através do lúdico bem como despertar neles um maior interesse pela disciplina de geografia. Sendo assim:

O teatro apresenta-se como uma forma de discutir questões que fazem parte da vida em sociedade, possibilitando o diálogo entre ciência e arte, e demonstrando que o conhecimento pode ser construído em diversos espaços. Essa manifestação artística baseia-se na expressão corporal, na fala e nos gestos, e busca compreender e interpretar a realidade humana, com suas inquietações e emoções, de forma lúdica e educativa. Portanto, o teatro pode ser utilizado como um instrumento de transformação social por meio da prática da educação geográfica. (Santos; Santos, 2020. p. 484)

Acredita-se, portanto, como aponta Soares (2013), que através do teatro, o ensino da Geografia possa abordar de forma significativa temas relevantes, como a problemática socioambiental urbana, os circuitos da economia, as discrepâncias entre as realidades encontradas na cidade, entre outros flagelos encontrados nesses centros. Assim sendo, nas

experiências conduzidas, através dessas metodologias, explorou-se desde os problemas socioambientais existentes nas cidades e/ou em suas hinterlândias, até as consequências das atividades econômicas que impactam de forma insustentável as cidades, em cada região brasileira, apontando agentes sociais e suas espacialidades.

Contudo, é preciso saber utilizar as metodologias ativas diferenciadas de forma que não tornem-se rotineiras, ou mais do mesmo para os discentes, é preciso inovar sempre, buscar possibilidades e atividades diferenciadas, uma boa relação com os alunos é importante para que eles sintam-se mais valorizados e despertem suas potencialidades na sala de aula, pois com a teoria das múltiplas inteligências sabe-se que todos são capazes e possuem qualidades únicas, cabe ao professor despertar essas capacidades em seus alunos através de uma boa relação com eles. Nesse contexto:

A relação professor-aluno é favorecida quando o professor deixa de ser a figura central do processo educacional passando a ser um orientador e mediador na construção de saberes pelos alunos. Portanto, conclui-se que o trabalho com metodologias ativas precisa ser executado na sala de aula com maior frequência, pois faz emergir a habilidades e potencialidades dos alunos e retira o professor da posição de “único responsável” pelo processo de ensino-aprendizagem. (COSTA; LIMA; FELICIO. 2020. p. 589)

Metodologias ativas devem ser aplicadas em sala de aula com frequência, porém nem sempre a mesma atividade, é preciso buscar alternativas didáticas que não cansem os discentes, principalmente esses que estão passando pelo período da puberdade. Nessa conjuntura o uso de jogos torna-se um aliado indispensável se tratando que atividades diferenciadas em sala de aula e que despertem a atenção dos discentes.

Paula (2020) ressalta a música como uma das diversas linguagens que possuem potencialidades para cumprir com o papel de transformação do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, é algo comumente presente no cotidiano dos discentes, bem como, de fácil acesso para todos. Além disso, a música, por si só, possui características específicas, pois, tanto mexe com as apreensões sobre aquilo que cerca os jovens alunos e em relação ao que eles vivenciam, quanto os remete lembranças e conhecimentos entranhados em suas vivências. Por isso, ela transforma-se numa das opções teórico-metodológicas para a própria Geografia, em vista que, a partir das suas melodias, letras, canções, traz consigo, diversas interpretações e reflexões sobre as relações socioculturais existentes perpassando desde os aspectos físico-materiais quanto histórico-simbólicos.

Nesse sentido, Silva apud Paula (2020), apontam que o Brasil detém uma ampla diversidade de estilos musicais, os quais conseguem retratar múltiplos arranjos regionais existentes, que tanto são frutos das influências dos povos e etnias que participaram do decurso

de formação da sociedade brasileira, bem como dos processos migratórios que se sucederam, neste ínterim, em cada região do país.

Assim, o professor deve usar em sala de aula músicas conhecidas na região em que leciona para que essa metodologia tenha significado para os discentes e esses tenham melhor entendimento quanto aos objetivos que o professor pretende atingir na proposta que ele estará abordando em classe.

Destaca-se também o uso de histórias em quadrinhos como forma lúdica de ensino na escola, alguns autores evidenciam o uso dessa metodologia ativa como forma de trazer o cotidiano do aluno para dentro da escola. Sendo assim:

As histórias em quadrinhos quando associadas à geografia, expressam uma organização espacial dada por uma percepção reveladora de um cenário geográfico habitado por personagem e guiados por conceitos. Possuidora de uma profundidade visual que expressa significados. Dando novos significados aos lugares a partir de uma percepção espacial experienciada por personagens que se apropriam do espaço, para reconstruí-lo, explorando suas visões verticais e tridimensionais que permitem reconstruções de narrativas. (MENDONÇA; REIS, 201, p.56; 61- 64).

Desta forma, Mendes (2020), esplandece que podemos enumerar cinco potencialidades que o uso das histórias em quadrinhos como ferramenta metodológica podem proporcionar para o ensino de geografia escolar significativo: 1) estimuladora da curiosidade, 2) reconstrutora de narrativas, 3) forma de se apropriar do espaço, reconstruindo e ressignificando o mesmo, 4) proporciona novas releituras acerca das relações de poder, 5) assume a exterioridade como um dos elementos centrais da produção do espaço e do conhecimento.

Entre as estratégias metodológicas que agregam e fundamentam a presente pesquisa está o uso das tecnologias digitais, citadas na maioria dos artigos estudados. E para isso os docentes devem estar aptos para as mudanças que ocorrem a cada dia que se passa com essas mídias. Assim sendo, Castellar e Vilhena (2010), falam que os saberes geográficos e pedagógicos são definidos a partir dos desafios impostos na educação. “O professor deve incorporar as mudanças propostas pelo sistema escolar e organizar o currículo com base nos pressupostos teóricos – metodológicos da geografia e da pedagogia” os autores ainda evidenciam que:

[...] um, processo no qual a aprendizagem significativa se contrapõe a uma abordagem repetitiva, com um método de ensino que substitui práticas viciadas em memorização relacionadas as atividades de repetição e associação que visam apenas a apreensão das informações (CASTELLAR E VILHENA, 2010, p. 6)

Nesse sentido, Freitas (2018) aponta que é importante que os discentes aprendam a realizar uma interação do seu cotidiano no decorrer dos percursos que realiza entre sua casa e a

escola ou até mesmo na própria instituição de ensino, resultando assim em experiências e vivências em diversos espaços de seu convívio.

Nesse contexto, Yi – Fu Tuan (1982), destaca que a experiência se volta para o mundo exterior, observar e pensar claramente vão além do eu, e as mídias digitais, como recurso didático trazem consigo informações que levam o alunado a adquirirem conhecimentos acerca dos lugares e espaços. Nessa perspectiva, Castells (1999) afirma que:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 1999, p.40).

Segundo Lima *et al.* (2018), no século 21 não se pode negar o crescente aumento do uso das tecnologias digitais, como smartphones, redes sociais e internet, e eles estão cada vez mais no nosso cotidiano e isso está muito presente na escola. Antes da pandemia de covid-19, vivenciada na atualidade, os professores travavam uma batalha pela atenção dos alunos nas aulas presenciais devido ao uso indevido dos celulares durante as aulas sem uma finalidade pedagógica. Hoje podemos ver que o caminho é incluir esses instrumentos na prática do ensino com finalidade educacional. A fim da melhoria deste processo. Visto que:

No século XXI, o acesso facilitado e cada vez maior à uma série de instrumentos tecnológicos e redes de informação, exige da abordagem do ensino de Geografia, a necessidade premente de acompanhar as transformações tecnológicas que crianças, jovens e adultos hoje dominam, tais como smartphones, jogos eletrônicos, possibilidades de informações mais rápidas e interativas considerando o Youtube, Netflix e as redes sociais como Twitter, Instagram e Facebook (LIMA; DA SILVA; DE ARAÚJO, 2018. p. 93).

Na medida em que os decretos iam sendo impostos e prologavam o isolamento social, durante todo o período em que a pandemia se alastrava, as interações com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação iam aumentando de maneira considerável onde “a mediação pedagógica quanto essas tecnologias fazem toda diferença, pois mais do que saber utilizar esses recursos, é saber como usá-los de forma dialética e em prol da educação.”(MARQUES, 2020 p. 36).

Nesse enquadramento, a necessidade da maior interação nos grupos sobre os conteúdos e dúvidas dos conteúdos geográficos contribuiu para novas e rápidas adaptações na busca de outras ferramentas metodológicas alternativas e plataformas digitais, deixando visível a importância das tecnologias para garantir o acesso ao ensino durante o período de isolamento social. Nesse âmbito, o uso das tecnologias digitais bem como o distanciamento físico entre alunos e professores faz com que os discentes possam ter mais autonomia na realização das

atividades escolares, fazendo com que eles criem responsabilidades maiores com os estudos e se adequem a nova realidade.

Nessa circunstância, segundo Preti (2005), ao refletir sobre autonomia desses discentes numa distância transacional contribui ao afirmar que o aluno, neste novo cenário, deve assumir para si a responsabilidade da sua própria formação, tendo autonomia e disciplina para o estudo compromissos de todo o processo educativo.

Essa autonomia do alunado, tem relação com a capacidade dos alunos de gerirem seus próprios tempos dentro das suas rotinas domiciliares com o auxílio da família e garantir sua aprendizagem estando abertos as propostas apresentadas pelos professores, com o auxílio das tecnologias digitais e que também devem ser estimulantes e motivadoras. De outro modo, os alunos nativos digitais se perdem na infinidade de distrações que a internet pode oferecer para eles. Na concepção de Correia e Shinaigger:

As redes atraem os estudantes. Eles gostam de navegar na rede, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de se comunicar com outros colegas. Mas também podem perder-se entre tantas conexões possíveis, tendo dificuldade em escolher o que é significativo, em fazer relações, em questionar afirmações problemáticas. (CORREIA; SHINAIGGER, 2020 p. 24).

Nessa circunstância, o professor tem um papel fundamental de mediador do uso dessas tecnologias como estratégia metodológica, é preciso unir o útil ao agradável e fazer com que os adolescentes que gostam de usar dessas tecnologias façam uso delas para aprender os conteúdos, para isso é necessário criatividade para tornar as atividades por essas vias atrativas.

Para Freitas e Almeida (2012):

Dentro de uma nova pedagogia que acolha metodologias de ensino com o uso das TIC's, além da facilidade e da qualidade de informações que se tornam disponíveis e das inúmeras possibilidades de um processo de aprendizagem interativo/construtivo, espera-se contribuir para a autonomia intelectual do aluno. Ao adaptar-se ao uso das tecnologias, ela poderá buscar respostas às suas próprias inquietações, e essa busca incluindo-se aí a seleção e análise das informações, é uma das maiores contribuições que a aprendizagem pela tecnologia pode dar ao aluno. (FREITAS; ALMEIDA, 2012. p. 32).

Concorda-se com esses autores quando também afirmam que:

Uma nova prática pedagógica deverá mostrar que a utilização das TIC's na escola precisa ser feita de maneira interativa e não apenas expositiva, ou seja, o aluno deve atuar sobre as tecnologias, interagindo, pesquisando, interpretando, refletindo, construindo e agregando conhecimentos. Ela inicia, mas vai muito além do uso das mídias para a simples exposição de conteúdo, como substitutos de cartazes ou da própria lousa. (FREITAS; ALMEIDA, 2012. p. 32).

Asseverando as ideias apresentadas quanto ao uso das mídias digitais em sala de aula como estratégia eficiente no processo de ensino e aprendizagem, Castells (2005), também evidencia que:

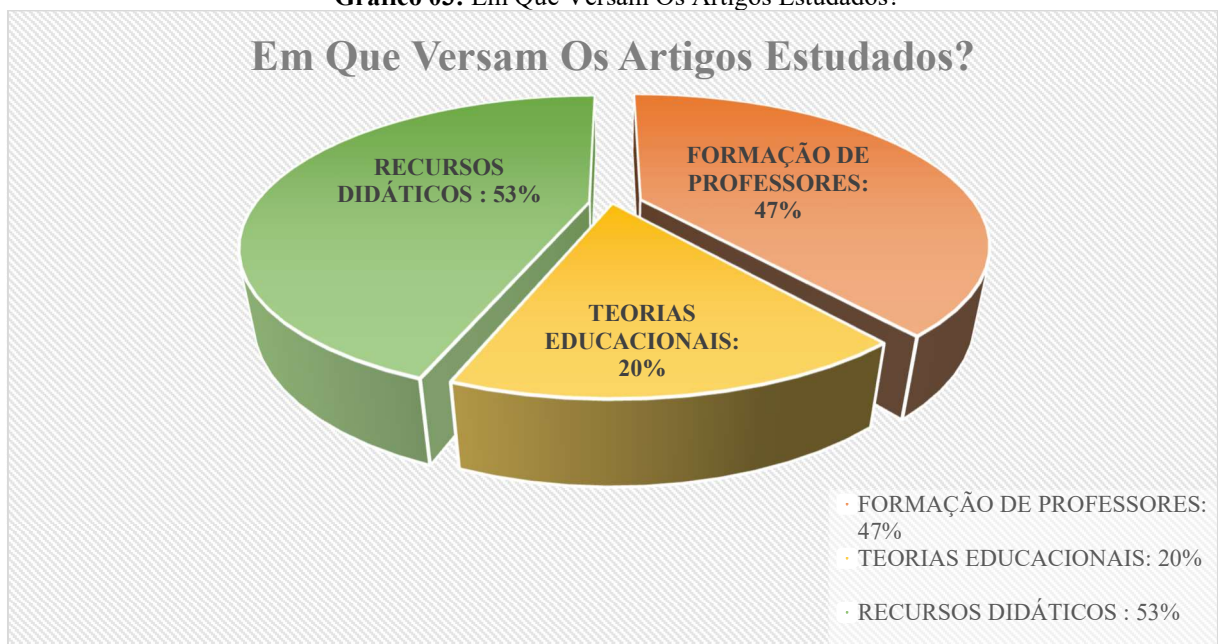
É por isso que difundir a Internet ou colocar mais computadores nas escolas, por si só, não constituem necessariamente grandes mudanças sociais. Isso depende de onde, por quem e para quem são usadas as tecnologias de comunicação e informação. O que nós sabemos é que esse paradigma tecnológico tem capacidades de performance superiores em relação aos anteriores sistemas tecnológicos. Mas para saber utilizá-lo no melhor do seu potencial, e de acordo com os projetos e as decisões de cada sociedade, precisamos de conhecer a dinâmica, os constrangimentos e as possibilidades desta nova estrutura social que lhe está associada: a sociedade em rede. (CASTELLS. 2005. p. 19)

Nesse caso, salienta-se que o docente também deve estar preparado para atribuir o uso dessas mídias em suas aulas expositivas e práticas, para isso enfatiza-se outro assunto abordado em 47% dos artigos estudados (Gráfico 03), a formação continuada de professores, assim sendo, Freire (1996) ressalta que:

A formação docente deve ser contínua e estar voltada para a reflexão crítica sobre sua prática, pois somente assim será possível melhorá-la. Além do mais, a definição do que e de como ensinar são essenciais para que os alunos aprendam de forma eficaz e se tornem ativos e autônomos na busca de conhecimentos e no seu desenvolvimento pessoal e cognitivo. (FREIRE, 1996, p. 82)

Nesse sentido o docente deve sempre buscar novos conhecimentos, metodologias e técnicas de ensino para seu aprimoramento profissional, para que assim consiga aplicar novas metodologias em sala de aula com os diferentes discentes que forem surgindo com o passar dos anos, principalmente para os da atualidade que são conhecidos como os nativos digitais. Assim sendo, certamente o processo de adquirir conhecimento será muito mais proveitoso.

Gráfico 03: Em Que Versam Os Artigos Estudados?



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento da Pesquisa - 2021

No (gráfico 03) é possível observar que a formação de professores e o uso de recursos didáticos ganham destaque em grande parte dos artigos estudados com 47% e 53% respectivamente. A formação continuada de professores ganha destaque pois é fundamental para a manutenção de um processo de ensino e aprendizagem eficiente, porque as coisas mudam e com elas as técnicas metodológicas também devem evoluir, para isso a formação continuada é uma maneira de manter os professores sempre atualizados quanto as novas maneiras bem como tecnologias digitais para utilizarem em sala de aula.

Os recursos didáticos sempre serão pontos chave para melhoria dos estudos em sala de aula, nesse contexto Souza (2007) ressalta que os materiais didáticos são utilizados pelos professores para auxiliar na construção de conhecimentos de seus alunos em relação aos conteúdos que forem sendo propostos. Deve servir como motivação para os mesmos, predispor maior interesse pelos assuntos abordados bem como facilitar a compreensão do mesmo.

Costoldi e Polinarski (2009), afirmam que os mesmos são de fundamental importância no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno e deve ter o poder de aproximar o aluno do conteúdo ministrado, facilitando assim sua efetiva fixação.

Parra (1985) afirma que a utilização de recursos didáticos específicos faz com que elementos simples como sons, imagens, construção de maquetes, as brincadeiras e o uso de materiais lúdicos sejam valorizados. Isto porque, quando um professor utiliza diferentes tipos de recursos didáticos ele não só faz com que sua aula se torne mais interessante minimizando a monotonia à qual o ensino tradicional pode estar relacionado, mas também pode favorecer a obtenção de melhores resultados (COSTOLDI; POLINARSKI, 2009; SOUZA, 2007).

Mesquita e Santos (2020) focalizam que pode-se sobrepujar também ao uso de mapas mentais na educação, pois eles podem ser utilizados como ferramentas de gerenciamentos de informações e desenvolvimento de habilidades cognitivas nos alunos como, por exemplo: Análise, comparação, organização, memorização e criação de determinados assuntos abordados na Geografia. Com certeza essa metodologia de trabalhar alguns assuntos da Geografia irá enriquecer de forma grandiosa a compreensão do aluno, e ao mesmo tempo passa a ser um aluno pesquisador. Nesse sentido:

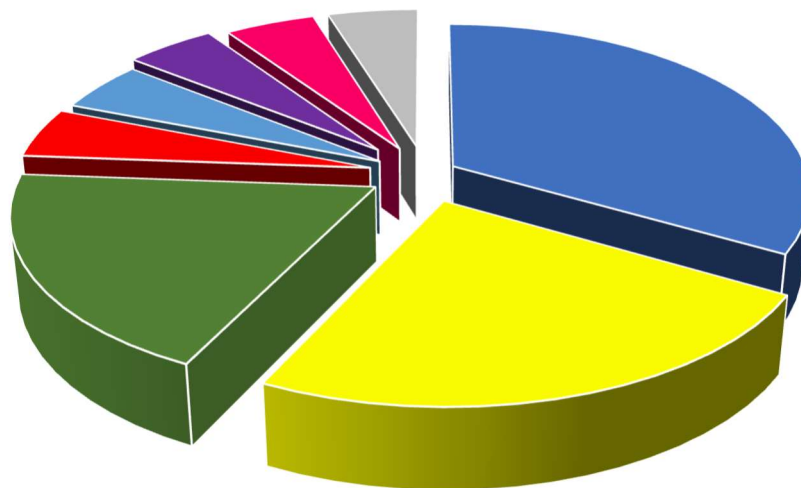
Entendemos o mapa mental enquanto linguagem privilegiada para a comunicação dos aspectos constitutivos do espaço vivido e percebido pelo aluno. O mapa mental é, sob esta ótica, um instrumento que confere ao professor os elementos necessários para trabalhar, de forma concreta, a organização mental dos aspectos eleitos como importante no espaço vivido cotidianamente pelo grupo que constitui o universo de alunos de uma sala de aula. (KOZEL, 2007. p. 125)

Além dos mapas mentais, o uso de jogos educativos pode ser muito bem aproveitado pelos docentes nas escolas. Nessa contextualização, Klimek (2007), por sua vez, afirma a potencialidade de integração dos jogos com a elaboração de sínteses, resumindo temáticas pertinentes às questões socioambientais urbanas. Como modelos que simplificam a realidade, podem também ser utilizados de forma lúdica. Neste caso, em parceria com outras disciplinas, na pesquisa desse autor, foram empregados jogos de tabuleiro com itinerários. A cada pergunta corretamente respondida, uma casa ou degrau era avançado. Nessa atividade lúdica dessa vez os estudantes tinham a liberdade de delimitar o tema e eram incentivados a utilizar a criatividade para definir o layout do tabuleiro.

Assim os discentes sentem-se parte do processo de ensino e aprendizagem e essa valorização faz com que eles despertem entre si o interesse pela disciplina bem como a vontade de participar das atividades recreativas, possibilitando um ambiente de estudos mais prazeroso tanto para os alunos quanto para o professor. Pode-se observar no (Gráfico 04) com as metodologias mais utilizadas para os anos finais do Ensino Fundamental II, o uso jogos encontram-se em 90% das pesquisas.

Gráfico 04: Quantidade de Trabalhos Por Metodologias Voltadas Para o Ensino Fundamental II

Quantidade de Trabalhos Por Metodologias Voltadas Para o Ensino Fundamental II



- JOGOS: 90%
- DEBATE: 50%
- VÍDEOS: 13%
- CINEMA: 13%
- HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: 13%
- TRABALHO DE CAMPO: 65%
- MÚSICA: 13%
- TEATRO: 13%
- MAPA MENTAL: 13%

No (gráfico 04), voltado para atividades aplicadas com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II o uso de jogos é predominante. Acerca disso:

Brincar exige atividade física e/ou mental. O estímulo para brincar vem de dentro das crianças. É a maneira como elas aprendem a respeito do mundo. É inerentemente prazeroso e não requer nenhum objetivo. Quando um objetivo é mais importante do que a atividade, a atividade não é mais uma brincadeira. Em esportes competitivos, por exemplo, quando vencer torna-se mais importante do que o processo de jogar, os jogos ou partidas deixam de ser brincadeira. A habilidade de brincar e se divertir é um sinal de saúde [...]. (LINN, 2006, p. 95)

Nesse contexto, Martins (2020) evidencia que nessa fase é importante não deixar as brincadeiras de lado porque elas contribuem para que o estranhamento dos alunos com essa nova fase seja o menor possível. Esse autor ressalta que o lúdico deve permanecer e que os professores precisam ter essa intensão, de continuar com atividades recreativas para essa faixa etária.

Ainda nessa conjuntura, Martins (2020) pondera que os professores devem ter em mente que estão trabalhando com crianças, embora elas estejam nos anos finais do ensino fundamental. Também é imprescindível por parte do professor compreender a intensa mudança física, comportamental e emocional nesse momento da vida dos alunos. A paciência é necessária e determinante para o sucesso da adaptação dos alunos nessa nova fase de seu processo de aprendizagem.

Essas atividades fazem toda a diferença na educação geográfica escolar, e mesmo com poucos recursos é possível fazer e ter uma educação melhor e mais eficiente. Atividades lúdicas são indicadas para todas as faixas etárias e níveis de ensino, principalmente para os anos finais do ensino fundamental, já que como afirmam muitos autores aqui citados, são mais dispersos em decorrência de muitos fatores que estão ligados ao seu desenvolvimento.

Dessa forma, compreende-se que essas práticas metodológicas apontadas, ponderadas e discutidas na presente pesquisa, referentes ao ensino de geografia em sala de aula, com ênfase para os anos finais do ensino fundamental II, realizadas por meio de atividades recreativas e que podem ser também interdisciplinares, feitas as devidas adaptações, são práticas pedagógicas de ensino capazes de melhorar o processo de ensino e aprendizagem bem como permitirem que os discentes sejam capazes de compreender a disciplina e de exercerem seus papéis como cidadãos do meio onde estão inseridos.

A seguir pode-se observar nas (Figuras 04, 05, 06 e 07) a realização de um trabalho de campo realizado com uma turma de oitavo ano da cidade de Manaus AM no ano de 2019 (antes

da pandemia), vê-se claramente que a atenção dos alunos está voltada para o que está sendo abordado durante a visita a um museu. Isso porque a Geografia vivenciada dessa forma torna-se muito mais interessante, Bezerra e Alencar (2020) asseveram que os processos de trabalhos e aulas de campo acontecem simultaneamente e em uma constante metamorfose. Esses autores apontam também que, o espaço geográfico, a área de estudo e observação são constantemente alterados, modificados e transformados, os dados e informações avançam, com isso pensar na unificação desses papéis é fundamental para o acompanhamento das transformações das sociedades.

Figura 04: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento de Pesquisa - 2021

Figura 05: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento de Pesquisa – 2021

Figura 06: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento de Pesquisa – 2021

Figura 07: Trabalho de Campo Com Uma Turma de 8º ano em 2019

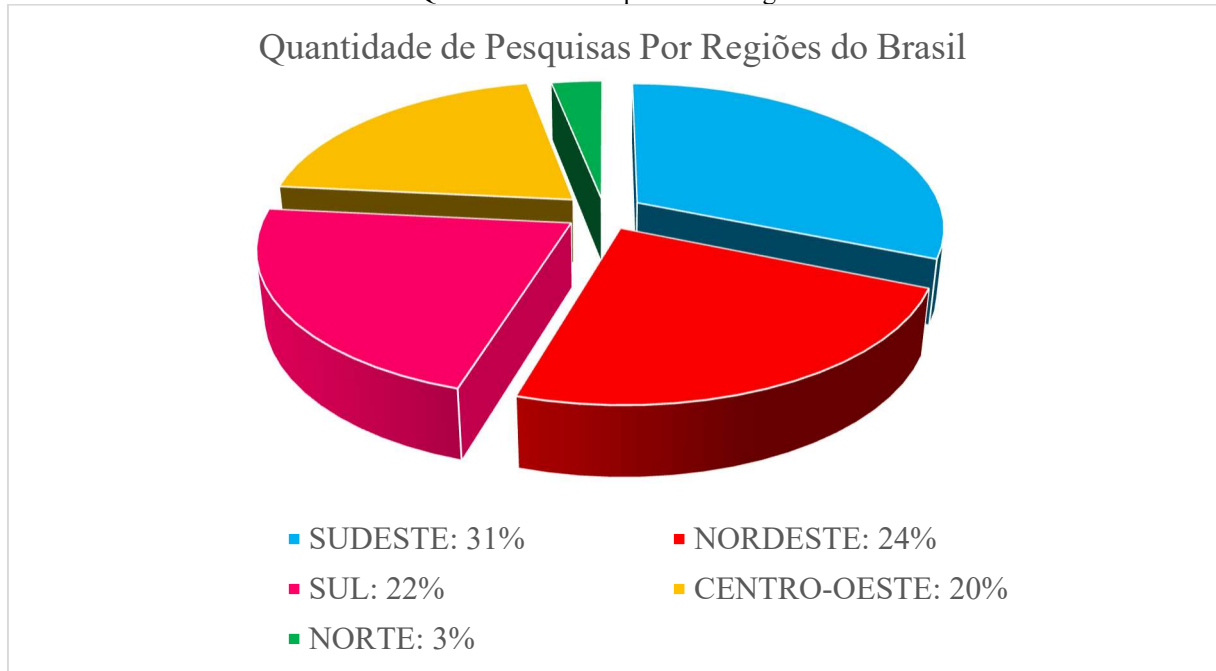


Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento de Pesquisa – 2021

Essas atividades que fogem do cotidiano da sala de aula despertam a vontade de aprender nos alunos, e essa experiência ocorrida em 2019 com uma turma dos anos finais do ensino fundamental II, prova que os estudos realizados quanto a temática são condizentes com a realidade e atividades recreativas têm um potencial gigantesco para garantir uma aprendizagem, em geografia, significativa para os alunados.

No (Gráfico 05) pode-se observar as pesquisas estudadas divididas por regiões brasileiras.

Gráfico 05: Quantidade de Pesquisas Por Regiões do Brasil



Elaboração: ROSAS, Janderson - Levantamento de Pesquisa - 2021

Observa-se no (gráfico 05) uma grande diferença de pesquisas feitas nas regiões brasileiras, enquanto o sudeste está bem à frente com 31%, o Nordeste, Centro-Oeste e Sul têm uma porcentagem aproximada entre 20% e 24%, em contrapartida a Região Norte está muito abaixo da média com apenas 3% das pesquisas, dado que nos leva a refletir sobre as desigualdades no processo de ensino-aprendizagem nos interiores do Brasil. Há lugares remotos, como no interior da Amazônia, que muitas vezes o ensino não chega, quando não as condições dos ambientes escolares são precárias, desestimulando os profissionais da educação a lecionarem nesses lugares, que inclusive, existe gratificação salarial para trabalhar neles, como uma forma de tentar atrair os profissionais do magistério para essas regiões.

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, revelaram que 35% da população brasileira com idade acima dos 14 anos não havia concluído o ensino fundamental e na Região Norte esse índice é ainda maior, cerca de 44%, um número extremamente alto e que precisa ser melhorado, com políticas públicas e planos educacionais para a escolaridade básica nessa região. O objetivo é homogeneizar o processo de ensino e aprendizagem em todas as regiões brasileiras para que ocorra justiça social em provas como o exame nacional do ensino médio bem como demais vestibulares e vagas de trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendendo esgotar por aqui a complexidade e riqueza da temática proposta, a partir das reflexões feitas no decorrer da presente pesquisa, de cunho bibliográfico e revisão literária, inteira-se que a utilização de recursos didáticos diferenciados em sala de aula, nas séries finais do ensino fundamental II, se faz benéfica e necessária, tanto para a melhoria da aprendizagem dos mesmos quanto para auxiliá-los na compreensão das mudanças que ocorrem em suas vidas com o desabrochar da puberdade.

Para isso é preciso sensibilidade por parte dos docentes para tratar desses alunos de forma mais amigável, a fim de ter a confiança deles e com isso obter melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem para essa faixa etária que muitas vezes é desmazelada tanto pelos profissionais da educação quanto por pesquisadores da área de ensino. Essa é uma fase que requer atenção dos professores pois é um momento de transição tanto no cotidiano escolar quanto na vida pessoal, muitas são as dúvidas e necessidades de entender o mundo e a si mesmo, é uma fase de emoções, rebeldias, contrastes e necessidade de crescer e aprender a conviver. Assim, no ambiente escolar, o uso de metodologias educacionais que facilitem o aprendizado, como atividades lúdicas, recreativas e diferenciadas farão diferença para uma melhor adaptação desses discentes.

No entanto, grande parte dos profissionais da educação, ainda nos dias de hoje, apresentam resistência aos métodos mais dinâmicos, inovadores e motivadores, eles permanecem afeiçoados as maneiras mais tradicionais de lecionar em sala de aula. E isso certamente contribui para que não ocorram melhorias significativas no ensino para essas faixas etárias, e para mudar essa realidade a formação continuada de professores se faz cada vez mais imprescindível, sua aplicação tem por objetivo auxiliar os professores para o trabalho em sala de aula com essas turmas e apontar dados que mostrem que o uso de atividades dinâmicas e de fácil linguagem são eficientes para o sucesso profissional.

Aliado a isso é preciso estimular os professores de todos os níveis de ensino a escreverem, compartilharem suas experiências em revistas com grandes visibilidades nacionais e criar estratégias para fomentar a pesquisa sobre ensino-aprendizagem, especialmente, relativas as séries finais do Ensino Fundamental II.

Por tudo o que foi exposto no decorrer da presente pesquisa, sejam quais forem as razões apresentadas bem como os argumentos por aqui discutidos, o fato primordial é que a escolha e a utilização de recursos didáticos apropriados e diversificados podem influenciar positivamente

no processo de ensino-aprendizagem. Por conseguinte, um maior e melhor incentivo à inovação nas metodologias de ações docentes se fazem extremamente necessárias, uma vez que todas as pesquisas estudadas apontam que lecionar de forma mais harmônica, dinâmica, diferenciada, motivadora e acolhedora fazem o diferencial tanto para os discentes quanto para os docentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVES, E. R.; OLIVEIRA, C. D. M. D. Oficina Audiovisual: **Formação do Educador de Geografia em Temas Simulados**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.
- ANDRADE, F. M. **As Influências das Novas Tecnologias no Ensino da Geografia**. Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.4, n.7, 2020.
- ANDRADE, G. P. D.; OLIVEIRA, A. C. C. D. A. **Uso da Ferramenta de Realidade Aumentada - Sandbox no Ensino de Geografia: Proposta Didática Para o Tratamento do Conteúdo Formas de Relevo**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.
- ANDREIS, A. M. **O Cotidiano Como Dimensão Científico-Didática da Geografia no Projeto da Escola**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.
- ANTUNES, C. **Inteligências Múltiplas e Seus Jogos**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ARAGÃO, J. G. D. V. **Problemática Socioambiental Urbana e Possibilidades de Abordagem em Sala de Aula**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.
- ASCENÇÃO, V. D. O. R. **A Base Nacional Comum Curricular e a Produção de Práticas Pedagógicas Para a Geografia Escolar: Desdobramentos na Formação Docente**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.
- BASTOS, P. A. **Recursos didáticos e sua importância para as aulas de Geografia**. Revista Geografia: Pedagógica 2.0. Ministério da Educação FNDE Periódicos. Editora Escala Nacional. 2011.
- BATISTA, N. L.; BECKER, E. L. S.; CASSOL, R. **Mapa Híbrido e Multimodal: Uma Definição Conceitual Para o Ensino de Geografia Na Contemporaneidade**. Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.3, n.5, 2019.
- BATISTA, N. L.; RIZZATTI, M.; SILVA, G. M. D. **Para Pensar a Cartografia Escolar: Relato de Uma Oficina Pedagógica Para Professores em Atuação e Graduandos em Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.
- BENEJAM, P. **Los objetivos de las salidas, ÍBER, Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía, e Historia**. 2003.
- BENTES, R. N. **O Uso de Tecnologias Assistivas (ta) Com Materiais de Baixo Custo no Ensino de Geografia Para o Processo de Ensino-Aprendizagem dos Alunos Com Surdez**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.
- BENTH, E. **Educar, Viver e Aprender. Metodologias de Ensino: Uma análise crítica do fazer pedagógico na sala de aula**. Disponível em:

<http://educarvivereaprender.blogspot.com.br/2010/09/metodologias-de-ensino-umaanalise.html> Acesso em: 12 Abr. 2021.

BEZERRA, I. R.; ALENCAR, F. A. G. D.; OLIVEIRA, D. G. D. **Por Uma Geografia Vivenciada: Importância das Práticas de Campo Na Formação de Professores de Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

BIZ, A. C.; FRANCISCHETT, M. N. **Aspectos Metodológicos de Prática Educativa Com Cartografia Tátil.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

BORGES, M. T. C.; ALVES, A. O. **O trabalho de Campo em Bacia Hidrográfica no Ensino de Geografia e os Componentes Físico-Naturais.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Ministério da Educação.** 3ª Edição. Brasília, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Geografia/ Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 09 de Junho de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: Ministério da Educação, 2017. 600p. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

BUCH, C. **(Re) Pensando Corpo e Corporeidade Pela Performance e Pela Análise de Discurso: Efeitos de Sentidos Presentes no Discurso Discente Sobre a Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

BUDIN, C. J. **Múltiplas Linguagens na Produção do Saber Geográfico Escolar.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

CACHINHO, H. **Desafios da Formação em Geografia e Na Educação Geográfica, Conhecimento Poderoso e Conceitos Liminares.** Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 2019.

CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo.** Porto Alegre, 2000.

CALLAI, H.C.; CALLAI, J. J. in: Castrogiovani. **Geografia em sala de aula. Práticas e reflexões.** 4.ed. Porto Alegre. Editora UFRGS. Associação dos Geógrafos do Brasileiros. 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e práticas Pedagógicas. Currículo Sem Fronteira,** v.11, n.2, p.240-255, Jul/Dez 2011. PUC - Rio de Janeiro, 2011.

- CAPECCHI, M.C.V.M.; CARVALHO, A.M.P. **Interações discursivas na construção de explicações para fenômenos físicos em sala de aula.** Atas do VII EPEF, Florianópolis, 2000.
- CASTELLAR, S. (org.). **Educação Geográfica: teorias e práticas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CASTROGIOVANNI, A. C; CALLAI, H. C; KAERCHER, N. A. (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano.** 12. ed. Mediação, Cap. 2. p. 71- 114. Porto Alegre, 2017.
- CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia.** Cengage Learning. São Paulo, 2010.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede.** Paz e Terra. Vol. I, 14ª ed. São Paulo, 1999.
- CASTELLS, M.; CARDOSO, G. **Debate: A Sociedade em rede do conhecimento à ação política.** 2005, Centro Cultura de Belém. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- CAVALCANTI, L. S. **Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: Uma Contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia.** Caderno CEDES: Campinas v.25 n. 66, agosto, 2005.
- CAVALCANTI, L. S. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos e alternativas.** In: I Seminário Nacional: Currículo em Movimento? Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010.
- CAVALCANTI, L. **Geografia, Escola e Construção de conhecimentos.** 18ª ed. São Paulo: Editora Papirus, 2011.
- CAVALCANTI, L. S. **O ensino de Geografia na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012.
- CHRISTIAN, P. **Prática Espacial Cotidiana No Processo de Significação da Aprendizagem em Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.
- COCATO, G. P.; VITTO, D. **O Trabalho de Campo Enquanto Experiência de Ensino Dos Conteúdos de Geografia Urbana em um Contexto Escolar de Precarização.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.
- CONCEIÇÃO, A. L. **Concurso de desenhos: Estratégia de Fortalecimento da Cartografia Escolar no Ensino de Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.
- COPATTI, C. **A Construção de Um Pensamento Geográfico de Professor: Interpretações de Docentes que Formam Professores No Contexto Latino-Americano.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

- COSTA, A. S.; SANTOS, D. S.; PIMENTEL, J. D. S. **Espacialidade em Desenhos de Crianças no Ensino Fundamental II**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.
- COSTA, R. D. S.; LIMA, E. F.; FELÍCIO, C. M. **Metodologias ativas no ensino de geografia: uma experiência educacional no Ensino Médio**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.
- COSTA, R. M.; PETSCH, C.; ROSA, K. K. D. **O Lugar Como Potencialidade No Ensino de Hidrosfera**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.
- COSTOLDI, R.; POLINARSKI, C.A. **Utilização de recursos didático pedagógicos na motivação da aprendizagem**. Simpósio internacional de ensino e tecnologia, v. 1, p. 684-69, 2009.
- CROZAT, D. **Jogos e Ambiguidades da Construção Musical das Identidades Espaciais**. In: DOZENA, A. **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016.
- FARIAS, R. C. D. **O Trabalho de Campo na Perspectiva de Ensino de Geografia: Uma Revisão Crítica a Partir do Cenário Internacional**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.
- FERREIRA, V. L. H. **Situações Ordinárias Nos Espaçotempos Escolares**. Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio. Rio de Janeiro, v.4, n. 7, 2020.
- FILIZOLA, R. **Didática da Geografia**. Editorial Base. São Paulo. 2009.
- FINATTO, R. A.; ZENERATTI, F. L. **Trabalho de Campo em Geografia Agrária: Produzindo Conhecimentos Sobre Campesinato, Cooperativismo e Agroecologia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.
- FLEMMING, D. M. **Criatividade e Jogos Didáticos**. VIII Encontro Nacional de Educação Matemática. UNISUL, 2004.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra. São Paulo, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREITAS, M. C. D.; ALMEIDA, M. G. **Docentes e discentes na sociedade da informação (A escola no Século XXI; v.2)**. Brasport. Rio de Janeiro, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZALEZ, R. C. L; MANTIÑÁN, M. J. P; ARCE, C. M; QUINTÁ, F. A. **A Aventura no Ensino em Geografia: Algumas Experiências Pioneiras**. Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 2019.

GRUBEL, J. M.; BEZ, M. R. **Jogos Educativos**. Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas – Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo – RS – Brasil, 2006.

JORDÃO, T.; CARVALHO, M. B. S. S. **O Ensino de Geografia Como Possibilidade de Construção de Sentidos em Educação Ambiental**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.

KAERCHER, N. A. **Se a Geografia Escolar é um Pastel de Vento o Gato Comeu a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

KAERCHER, N. A.; BOHRER, M. Docencia, **Logo, Existo. Crenças Que Movem o Professor Formador de Professores: Que Diferença Podemos Fazer em Nossos Alunos?** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

KLIMEK, R. L. C. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOZEL, S. Mapas Mentais - **Uma Forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas**. In Kozel, S. [et al] (orgs.). Da Percepção e Cognição a Representação: Reconstrução Teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; NEER, p.114-138. Curitiba, 2007.

LARA, I. C. M. D. **Jogando com a Matemática de 5ª a 8ª série**. São Paulo: Rêspel, 2004.

LEAL, J. M.; AQUINO, C. M. S. D.; ARAÚJO, R. L. D. **A Utilização do Simcity 5 Como Ferramenta de Análise dos Problemas Ambientais Urbanos no Ensino de Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**. Editora Alternativa. 5ª edição: Goiânia, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissionais docentes**- Cortez. São Paulo, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2013.

LIMA, J. P. D. **Ludicidade No Ensino Médio: Aula de Geografia através dos desenhos animados**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

LINN, S. **Crianças do Consumo: A Infância Roubada**. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

LISBÔA, B. L. C.; LISBÔA, G. L. P.; SILVA, G. R.D. **Possibilidades Didáticas No Ensino De Geografia Para Estudantes Surdos**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

MACEDO, C. O. **O Ensino de Geografia Por Entre Letras e Canções**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

MACHADO, J. C. E. **Proposta de Estrutura de Sequência Didática Para o Planejamento Das Aulas de Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

MAFRA, M. V. P.; FLORES, D. A. D. C. **Trabalho de Campo no Ensino da Geografia na educação básica: Dificuldades e Desafios para Professores.** Revista de Ensino de Geografia. v. 8, n. 15. Uberlândia MG, 2017.

MARAFON, G. J. **O trabalho de campo como um instrumento de trabalho para o investigador em Geografia agrária.** In: RAMIRES, Júlio César de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Org.). Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

MARQUES, A. M. D. S.; MOTA, M. D. S.; SOUZA, M. A. V. F. D. **Aula de Campo No Ensino de Geografia: Uma Visão Pela Literatura Científica Brasileira.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

MARQUES, R. **A Ressignificação da Educação e o Processo de Ensino e Aprendizagem No Contexto de Pandemia da COVID-19.** Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 3, n. 7, 2020.

MARTINEZ, C. A. F.; BOHRER, M.; ROCKENBACH, I. A. **Desvendando a Paisagem Através da Música e da Poesia: Uma Prática de Ensino de Geografia Com Estudantes de Pedagogia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

MARTINS, I. C.; CAMPOS, R. V.; MUCIDA, D. P. **Classes de Solos e o Lúdico: Jogo de Cartas Como Prática Pedagógica Para Aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

MARTINS, M. **Transição: Como Amenizar a Adaptação Dos Alunos Entre Etapas.** Revista Nova Escola. v. 20. São Paulo, 2020.

MENDONÇA, M. J.; REIS, L. C. T. **Percepção do Espaço Geográfico nos quadrinhos.** Revista 9ª Arte – vol.5, n.2. São Paulo, 2016.

MENEZES, V. S.; COSTELLA, R. Z. **Narrativas (auto) Biográficas Na Licenciatura em Geografia: Potencialidades Para a Construção da Professoralidade.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.

MEIRELLES, Elisa. **Os desafios dos Anos Finais do Ensino Fundamental.** Revista Nova Escola, São Paulo, v.12, 2012.

MENDES, L. E. R. N. **Histórias em Quadrinhos Como Ferramenta Metodológica Significativa No Processo de Ensino/Aprendizagem de Geografia Escolar Decolonial.** Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.4, n.8, 2020.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias.** Maceió AL – BRASIL, 1999.

MESQUITA, G. M.; SANTOS, E. T. D. **Construção de Mapas Mentais no Ensino de Geografia: Representações do Espaço Vivido no Contexto Indígena.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTE, V. H. A. D; MELLO, A. M. D; PACÍFICO, A. G. F; **Pensando o Espaço Escolar: Um Estudo Sobre a Relação Entre Inclusão e Liberdade no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ)**. Revista Educação Geográfica em Foco PUC-RIO, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2020.

MORAES, I. D. C. D. **Problemas Práticos Profissionais: Aportes Teórico-metodológicos do Ensino de Geografia na Formação Continuada de Professores Dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

MORAES, V. S. D. **O Estágio Supervisionado em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro Como Objetivo de Pesquisa**. Revista Educação Geográfica em Foco PUC-RIO, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2020.

MORAN, J. M. **O Vídeo Na Sala de Aula**. Comunicação e Educação. v. 1. São Paulo, 1995.

MORIN, E. **O Cinema ou O Homem Imaginário. Ensaio de Antropologia Sociológica**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

NEVES. D. D. C. **Gêneros Discursivos, Cidade e Ensino de Geografia: Aproximações Teórico-Metodológicas a Partir de Folders de Condomínios Fechados**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

NIETO, J. E. **Motivacion y aprendizaje**. In J. Mayor (Ed.), *Psicologia de la educación*. Madrid: Anaya. 1985.

OLIVEIRA, A. U. de. **Educação e ensino de geografia na realidade brasileira**. In: *Para onde vai o ensino de Geografia?* 7a ed. Contexto. São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, G. M. D. **Traçados Do Cotidiano De Pequenos Sertanejos Na Aula De Geografia Em Uma Escola Camponesa Na Bahia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

OLIVEIRA, J. J. A.; CARDOSO, C. **A Contribuição do Ensino de Geografia na Educação Para os Riscos e os Currículos Escolares**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

OLIVEIRA, J. R. D. **O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo e a Didática Específica dos Professores de Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

OLIVEIRA JR, W. M. D.; GIRARDI, G. **O Cinema Como Diferença na Linguagem do Ensino de Geografia: Uma Cartografia Provisória**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

PARRA, N. **Didática: dos modelos à prática de ensino**. Anais do 3º Seminário - A didática em questão, v.1, p. 80-102, 1985.

PAULA, L. P. **A Potencialidade Da Linguagem Musical No Ensino de Geografia: Fluxos Migratórios no Brasil na Canção “Fotografia 3x4” de Belchior.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"A importância do trabalho de campo no estudo da Geografia";** *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/trabalho-de-campo-no-estudo-da-geografia.htm>>. Acesso em 13 de maio de 2021.

PELIZZARI, Adriana et al. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, 2002.

PEREIRA, A. P. C.; FONSECA, R. O. **Geografia e Prática Pedagógica: Análises e Experiências a Partir da Produção de Materiais Didáticos.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

PEREIRA, F. R. **Experiências No Ensino de Geografia Para Alunos Surdos.** Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 2019.

PINHEIRO, Tatiana. **Os desafios Dos Anos Finais do Ensino Fundamental.** Revista Nova Escola, São Paulo, v.12, 2012.

PINTRICH, P.R. **A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts.** Journal of Educational Psychology. 2003.

PORTUGAL, J. F.; TORRES, E. C. **Tornar-se Professora de Geografia: Narrativas, Memórias e Histórias de Vida - Formação e Aprendizagens na/da/Sobre a Docência.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

PIRES, M. M.; CAVALCANTI, L. D. S. **A Imagem e Seus Aportes ao Desenvolvimento do Pensamento e Das Funções Mentais no Ensino de Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 19, Campinas, 2020.

QUEIROZ, G. A.; OLIVEIRA, D. P. D. A. **Pensar e Fazer Geografia: A Sala Temática Como Estratégia Metodológica Para o Aprendizado Significativo no Processo de Formação Docente.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

REIS, M. F. D. **Pensamento Espacial e Pensamento Geográfico: Da Formação de Conceitos à Prática Social Geográfica.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

RICHTER, D. **O Mapa Mental No Ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente.** Cultura Acadêmica. São Paulo, 2011.

ROCHA, M. A.; SALVI, R. F. **Princípios da Aprendizagem Significativa Crítica Na Formação Continuada de Professores.** Revista. Geosaberes, Fortaleza, v.9, n.17, 2018.

- RODRIGUES, T. T. **A Produção de Vídeos Autoinstrutivos em Libras Para o Ensino de Geografia Na Educação a Distância.** Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.3, n.5, 2019.
- RODRIGUES, T. T.; CASSOL, R.; MIRANDA, W. D. O. **Fundamentos Cartográficos Aplicados ao Planejamento de Ambientes Digitais em Jogos Educacionais.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.
- RUPEL, M. A. P. **Atividades lúdicas: proposições metodológicas para o ensino da Geografia escolar.** Curitiba, 2011. Disponível em <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1634-8.pdf>. Acesso em 05 jun 2021.
- SANT'ANNA, M. I. MENZOLLA, M. Didática: **Aprender a ensinar. Técnicas e reflexões pedagógicas para a formação de fornecedores.** Edições Loyola. 7ª Edição. São Paulo. 2002.
- SANTOS, E. D. S.; SANTOS, C. R. B. D. **Laboratórios de Ensino de Geografia da Universidade Estadual Feira de Santana e a Elaboração de Recursos Didático-Pedagógicos.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.
- SANTOS, I. S.D.; SANTOS, I. O. D. **Interações Entre Teatro e Geografia Na Prática Da Educação Geográfica.** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.
- SANTOS, J. I. D. **A Didática e o Ensino de Geografia: Um Olhar Sobre a Prática Docente e a Aprendizagem.** UEPB, 2014.
- SANTOS, J. S.; LEITE, A. M. A. **A Contextualização do Ensino de Geografia e a Importância da Formação Continuada.** UNEAL, 2014.
- SANTOS, W.T.P; MORO, P.R. in: NADAL, B.G. et al. **Práticas Pedagógicas Nos Anos Iniciais: concepções e ação.** Ponta Grossa. Editora UEPG. 2007.
- SCHNEIDER, M. D.; ZANETTE, E. N.; CEHELLA, N. C. T. P. **Relato de Experiência: Metodologia de Aprendizagem Baseada em Projeto, em Curso de Graduação a Distância.** Criar Educação, 2016.
- SELBACH, S. **Geografia e Didática.** Editora Vozes. Petrópolis RJ, BRASIL, 2010.
- SERAFIM, M. L.; SOUSA, R. P. D. **Multimídia na Educação: O Vídeo Digital Integrado ao Contexto Escolar.** Campina Grande, 2011.
- SERRA, E. Educação Geográfica: **Dilemas e Desafios Contemporâneos.** Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 2019.
- SILVA, L. D. **Como os Estudantes Interpretam a Geografia Ensinada: O Caso da Escola Lina Seffer (Pará).** Revista Brasileira de Educação em Geografia. vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

SILVA, M. L. D. **A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea.** In: ____ (org.) *Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informática.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, M. **Educação Online.** Loyola. São Paulo, 2003.

SILVA, S. R. **A Importância da Música Nas Aulas de Geografia: Práticas e Métodos Diferenciados no Uso da Música Como Metodologia de Ensino Nas Aulas de Geografia.** Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Cajazeiras – PB, 2015.

SOARES, L. M. S. **Teatralizando o ensino da Geografia.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 3(5), 57-81. 2013.

SOMMA, M.L. In: Castrogiovani, **Geografia em sala de aula. Práticas e reflexões.** 4.ed. Porto Alegre. Editora UFRGS. Associação dos Geógrafos do Brasileiros. 2003.

SOUSA, A. K. D. O.; OLIVEIRA, A. M. D. **O Ensino de Geografia na Educação de Surdos: Estudo de Caso no Instituto Cearense de Educação de Surdos – ICES.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia.* vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

SOUZA, A. C. N. D.; CARVALHO, A. T. F. **O Estudo Das Águas Na Formação De Professores De Geografia Em Face Da Base Nacional Comum Curricular No Brasil.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia.* vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

SOUZA, E. A. D.; PINTO, E. G.; COUTO, M. E. M. P. **A importância da aula de campo como metodologia para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem na Geografia.** UFPB, 2012.

SOUZA, L. F. D. **O Projeto de Formação de Professores de Geografia e a Construção da Identidade Profissional Docente: Percepções de Professores do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás/Itapuranga.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia.* vol. 10, n. 20, Campinas, 2020.

SOUZA, S.E. **O Uso de Recursos Didáticos No Ensino Escolar.** I Encontro de Pesquisa em Educação. Arq. Mudi, 11 (Supl.2), p. 10-4, 2007.

SPIRONELLO, R. L.; CARLOS, L. C. **Estratégias de Ensino e Aprendizagem em Cartografia na Licenciatura: Discussões e Reflexões Necessárias.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia.* vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.

STEINKE, V. A.; STEINKE, E. T.; DE LA VEJA, A. G. **Avaliação Preliminar de Materiais Didáticos Multimídias de Desastres Naturais na Formação Continuada de Professores.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia.* vol. 9, n. 17, Campinas, 2019.

SUESS, R. C. **Do Centro de Ensino Médio Ave Branca Para o Distrito Federal: Identificando Problemas e Propondo Soluções - A Experiência de Uma Educação Científica Por Meio do Projeto Nós Propomos.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia.* vol. 9, n. 18, Campinas, 2019.

TAINAN, D. F. F; MONTEIRO, S. S; MATTOS, L. N. D; GONÇALVES, C.V; SANFELICI, D; MAROTTA, H. **Construção Coletiva de Material Paradidático Escolar Sobre Mudanças Globais: A Fronteira do Conhecimento Geográfico no Processo Ensino-Aprendizagem.** Revista Educação Geográfica em Foco PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.4, n. 7, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional.** 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TEDESCO, J. C. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez. 2004.

TEIXEIRA, C. **A ludicidade na Escola.** São Paulo: Loyola, 1995.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. Difel. São Paulo, 1982.

VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. **Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda?** In: PASSINI, Elza Yasuko (Org). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

APÊNDICES

Tabela 01: Artigos Estudados nas Revistas Científicas Escolhidas

Título	Revista	Ano	Nível de Ensino	ESTADO	Formação/Profes	Pensamento Geográfico	Tema	Metodologias							
								Música	Debate	Jogos/HQ	Cinema	Vídeos	Teatro	Trabalho de campo	
Histórias em quadrinhos como ferramenta metodológica significativa no processo de ensino/aprendizagem de geografia escolar decolonial.	EGF	2020	EF2	RJ		X	Relações de poder.		X		X	X			
As Influências das Novas Tecnologias no Ensino da Geografia.	EGF	2020	EM	RJ		X	Cartografia.		X						X
Situações Ordinárias Nos Espaços-tempos Escolares.	EGF	2020	EM	RJ	X	X	Contextualização do ensino.		X						
Construção Coletiva de Material Paradidático Escolar Sobre Mudanças Globais: A Fronteira do Conhecimento geográfico No Processo de Ensino-Aprendizagem.	EGF	2020	EM	RJ	X	X	Mudanças no planeta causadas pelo homem.	X							
Pensando o Espaço Escolar: Um Estudo Sobre a Relação Entre Inclusão e Liberdade no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ).	EGF	2020	EM	RJ		X	Mais Liberdade para os alunos dentro da escola, para não se sentirem aprisionados.		X						
O Estágio Supervisionado em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro Como Objetivo de Pesquisa.	EGF	2020	ES	RJ	X		Estágio Supervisionado no Ensino de Geografia.		X						
Desafios da Formação em Geografia e Na Educação Geográfica, Conhecimento Poderoso e Conceitos Liminares.	EGF	2019	ES	PT	X		Conhecimento Poderoso e Conceitos Liminares.								
A Aventura no Ensino em Geografia: Algumas Experiências Pioneiras.	EGF	2019	EF EM	ES		X	Trabalhos de Campo e Cartografia.		X						X

Experiências No Ensino de Geografia Para Alunos Surdos.	EGF	2019	EF EM	RJ		X	Cinema como estratégia Didática.					X		
Mapa Híbrido e Multimodal: Uma Definição Conceitual Para o Ensino de Geografia Na Contemporaneidade.	EGF	2019	EF EM	RS	X	X	Produção de Mapas Cartográficos com o Uso de Mídias Digitais.							X
A Produção de Vídeos Autoinstrutivos em Libras Para o Ensino de Geografia Na Educação a Distância.	EGF	2019	EF2	RS	X		Uso de Vídeos com Libras em Cartografia.					X		
Projeto Nós Propomos No Ensino de Geografia: Alternativas de Interpretação Territorial No Ensino de Geografia Por Meio das Novas Tecnologias.	EGF	2019	EF2	DF		X	Uso do Google Earth.		X					X
A Construção de Um Pensamento Geográfico de Professor: Interpretações de Docentes que Formam Professores No Contexto Latino-Americano.	RBEG	2020	ES	SP	X		Pensamento Geográfico na Formação do Docente de Geografia.		X					
Pensamento Espacial e Pensamento Geográfico: Da Formação de Conceitos à Prática Social Geográfica.	RBEG	2020	ES	GO	X		Ensino de Geografia e Prática Social.		X					
O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo e a Didática Específica dos Professores de Geografia.	RBEG	2020	ES	PR	X		Práticas educativas de professores de geografia.	X	X			X		X
O Projeto de Formação de Professores de Geografia e a Construção da Identidade Profissional Docente.	RBEG	2020	ES	GO	X		Formação de Professores de Geografia.		X					
Problemas Práticos Profissionais: Aportes Teórico-metodológicos do Ensino de Geografia na Formação Continuada de Professores Dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.	RBEG	2020	ES	MT	X		Formação continuada de professores de geografia, anos iniciais.		X					X

Como os Estudantes Interpretam a Geografia Ensinada: O Caso da Escola Lina Seffer (Pará).	RBEG	2020	EM	PA		X	Como os alunos do ensino médio compreendem a Geografia Escolar.		X						
Prática Espacial Cotidiana No Processo de Significação da Aprendizagem em Geografia.	RBEG	2020	ES	MT		X	Práticas pedagógicas e conhecimentos cotidianos.								X
A Potencialidade Da Linguagem Musical No Ensino de Geografia: Fluxos Migratórios no Brasil na Canção “Fotografia 3x4” de Belchior.	RBEG	2020	EF2	MG		X	Técnicas metodológicas com uso de músicas no ensino fundamental II.	X	X						
O Ensino de Geografia Por Entre Letras e Canções.	RBEG	2020	EM	PA		X	Uso de música para compreender aspectos históricos do país.	X	X						
Geografia e Prática Pedagógica: Análises e Experiências a Partir da Produção de Materiais Didáticos.	RBEG	2020	ES	MS		X	Práticas Didático Pedagógicas na Formação do Docente de Geografia. Ações Antrópicas.		X	X					
Por Uma Geografia Vivenciada: Importância das Práticas de Campo Na Formação de Professores de Geografia.	RBEG	2020	ES	CE		X	Práticas de campo para formandos em geografia.		X						X
Aula de Campo No Ensino de Geografia: Uma Visão Pela Literatura Científica Brasileira.	RBEG	2020	ES	ES		X	Revisão de Literatura sobre trabalhos de campo no ensino de geografia.								X
Problemática Socioambiental Urbana e Possibilidades de Abordagem em Sala de Aula.	RBEG	2020	EM	PE		X	Problemas socioambientais urbanos.	X	X	X		X			X

Possibilidades didáticas no ensino de geografia para estudantes surdos.	RBEG	2020	EF EM	AL		X	Ensino recreativo de geografia para estudantes surdos.	X	X	X	X	X	X	X
o lugar como potencialidade no ensino de hidrosfera.	RBEG	2020	EFII	RS		X	Aprendendo sobre hidrosfera com trabalhos de campo.							X
o estudo das águas na formação de professores de geografia em face da base nacional comum curricular no Brasil.	RBEG	2020	ES	RN		X	Estudo Das Águas.		X					
Ludicidade no ensino médio: aula de Geografia através dos desenhos animados.	RBEG	2020	EM	PB		X	Sistemas Econômicos.					X		
interações entre teatro e geografia na prática da educação geográfica.	RBEG	2020	ES	BA		X	Contextualização da realidade através de vídeos e teatro.						X	
Metodologias ativas no ensino de geografia: uma experiência educacional no Ensino Médio	RBEG	2020	EM	GO		X	Metodologias ativas para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem. Temática industrialização/globalização.	X	X					
Traçados do cotidiano de pequenos sertanejos na aula de geografia em uma escola camponesa na Bahia.	RBEG	2020	EFII	BA		X	Geografia escolar do campo, pautada pela emancipação humana dos sujeitos sociais camponeses nos seus territórios de vida e de trabalho.				X			X
Aspectos metodológicos de prática educativa com cartografia tátil.	RBEG	2020	ES	PR		X	Cartografia tátil para alunos especiais.			X				

Classes de solos e o lúdico: jogo de cartas como prática pedagógica para aprendizagem.	RBEG	2020	EM	MG		X	Conhecendo os solos com atividades lúdicas.			X					
Concurso de desenhos: estratégia de fortalecimento da cartografia escolar no ensino de geografia.	RBEG	2020	EF EM	SP	X	X	Cartografia para crianças e jovens através de desenhos lúdicos.		X	X					
Docência, logo, existo. Crenças que movem o professor formador de professores: que diferença podemos fazer em nossos alunos?	RBEG	2020	ES	RS	X		Diálogos sobre a formação do docente de geografia.		X						
A imagem e seus aportes ao desenvolvimento do pensamento e das funções mentais no ensino de geografia.	RBEG	2020	ES	PR	X	X	Linguagem imagética e o desenvolvimento cognitivo.		X						
Construção de mapas mentais no ensino de geografia: representações do espaço vivido no contexto indígena.	RBEG	2020	EFII	MS		X	Percepção do espaço em que se vive.			X					X
O trabalho de campo em bacia hidrográfica no ensino de geografia e os componentes físico-naturais.	RBEG	2020	EM	GO		X	Redes Hidrográficas e Impactos ambientam.								X
O cinema como diferença na linguagem do ensino de geografia: uma cartografia provisória.	RBEG	2020	ES	GO	X		Cinema como atividade recreativa em geografia.						X		
Múltiplas linguagens na produção do saber geográfico escolar	RBEG	2020	ES	SP	X		Recursos. Técnicas e prática de ensino	X	X	X		X	X	X	
A base nacional comum curricular e a produção de práticas pedagógicas para a geografia escolar: desdobramentos na formação docente.	RBEG	2020	ES	SP	X		PCK na BNCC		X						
O uso de tecnologias assistivas (ta) com materiais de baixo custo no ensino de geografia para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com surdez.	RBEG	2020	ES	SP	X		Ensino de cartografia.			X					

Para pensar a cartografia escolar: relato de uma oficina pedagógica para professores em atuação e graduandos em Geografia.	RBEG	2020	ES	RS	X		Uso da linguagem cartográfica.		X						
Gêneros discursivos, cidade e ensino de geografia: aproximações teórico-metodológicas a partir de folders de condomínios fechados.	RBEG	2020	EM	SP		X	A produção do espaço urbano da cidade de São Paulo na atualidade.		X						X
Laboratórios de ensino de geografia da universidade estadual feira de santana e a elaboração de recursos didático-pedagógicos.	RBEG	2019	ES	BA	X		Rec did voltados para o ensino da geografia escolar nos níveis fundamental e médio.		X						
Narrativas (auto) biográficas na licenciatura em geografia: potencialidades para a construção da professoralidade.	RBEG	2019	ES	RS	X		Formação dos professores de geografia.		X						
O ensino de geografia como possibilidade de construção de sentidos em educação ambiental.	RBEG	2019	EM	SP		X	A problemática ambiental em nível global e as possibilidades de seu enfrentamento em nível local.		X						
O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de geografia urbana em um contexto escolar de precarização.	RBEG	2019	EF	PR		X	Desenvolvimento urbano nas cidades e o entorno das escolas.		X						X
Do centro de ensino médio ave branca para o distrito federal: identificando problemas e propondo soluções - a experiência de uma educação científica por meio do projeto Nós Propomos.	RBEG	2019	EM	DF		X	Transporte e trânsito; educação; infraestrutura e problemas sociais,		X						X
Estratégias de ensino e aprendizagem em cartografia na licenciatura: discussões e reflexões necessárias.	RBEG	2019	ES	RS	X		Recursos didáticos de cartografia escolar.		X						

Fundamentos cartográficos aplicados ao planejamento de ambientes digitais em jogos educacionais.	RBEG	2019	EF	RS		X	Cartografia básica.			X					
O ensino de geografia na educação de surdos: estudo de caso no Instituto Cearense de Educação de Surdos – ICES.	RBEG	2019	ES	CE	X		O ensino de Geografia na contemporaneidade.		X						
A utilização do simcity 5 como ferramenta de análise dos problemas ambientais urbanos no ensino de geografia.	RBEG	2019	EM	PI		X	Problemas ambientais urbanos			X					
Uso da ferramenta de realidade aumentada - sandbox no ensino de geografia: proposta didática para o tratamento do conteúdo formas de relevo.	RBEG	2019	EM	BA		X	Formas de relevo.		X	X					
Oficina audiovisual: formação do educador de Geografia em temas simulados.	RBEG	2019	ES	CE	X		Espaço geográfico.		X						X
Avaliação preliminar de materiais didáticos multimídias de desastres naturais na formação continuada de professores.	RBEG	2019	ES	DF	X		Climatologia e mudanças climáticas.		X	X					
Pensar e fazer geografia: A sala temática como estratégia metodológica para o aprendizado significativo no processo de formação docente.	RBEG	2019	ES	BA	X		Formação territorial e urbana e regionalizações		X						
(re) pensando corpo e corporeidade pela performance e pela análise de DISCURSO: efeitos de sentidos presentes no discurso discente sobre a Geografia.	RBEG	2019	EFII	SC		X	Espaço Geográfico.		X	X					X

Organização: ROSAS, Janderson - Levantamento da Pesquisa – 2021